



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JULIO QUINTINO CAM-NATE SUMBA

**ESTUDANTES AFRICANOS NA UNILAB CAMPUS DOS MALÊS
(SÃO FRANCISCO DO CONDE) ENTRE OS ANOS 2014 – 2018**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

JULIO QUINTINO CAM-NATE SUMBA

**ESTUDANTES AFRICANOS NA UNILAB CAMPUS DOS MALÊS
(SÃO FRANCISCO DO CONDE) ENTRE OS ANOS 2014 – 2018**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades pelo Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) Campus dos Malês como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Humanidades, sob a orientação do Prof^o. Dr^o. Ercílio Neves Brandão Langa.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S952e

Sumba, Julio Quintino Cam-Nate.

Estudantes africanos na Unilab Campus dos Malês (São Francisco do Conde) entre os anos 2014 – 2018 / Julio Quintino Cam-Nate Sumba. - 2019.

67 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Ercílio Neves Brandão Langa.

1. Estudantes africanos. 2. Estudantes universitários - São Francisco do Conde (BA).
3. Racismo na Educação - São Francisco do Conde (BA). I. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Estudantes - 2014-2018. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 378.198098142

JULIO QUINTINO CAM-NATE SUMBA

ESTUDANTES AFRICANOS NA UNILAB CAMPUS DOS MALÊS (SÃO FRANCISCO DO CONDE) ENTRE OS ANOS 2014 – 2018

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades pelo Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) Campus dos Malês como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Aprovado em: 28/03/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ercílio Neves Brandão Langa (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ismael Tcham

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Sousa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico este trabalho *in memoriam* Sabado Nhasse minha mãe que sonhava ver um dia os resultados daquilo que contribuiu bastante para sustentar a educação dos seus filhos, através do comercio informal, mas que hoje não pode desfrutar. No entanto, sei que as energias dela contribuem muito para a produção do meu trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, aos meus pais pelo o apoio incondicional que me deram ao longo dos meus estudos desde ensino básico até me ingressar na Universidade, em especial aos meus parentes que sempre acreditaram em mim, meu Irmão mais novo Wilson Cam-nate Sumba, meu tio Augusto Nhassé e a sua esposa Joanhina, ao senhor Sino Nan Nhoa, ao meu tio Carlos Indami e Auzenda Cá sua esposa, minha tia Neia, ao senhor Armando Quintunda, também ao meu tio Silva Nuno Infanda que sempre estiveram presentes na minha caminhada.

Primos e primas espalhados por toda parte do mundo, agradeço todos (as) vocês que nunca pouparam seus esforços a cada momento me apoiando psicologicamente nomeadamente: Amaela António, Miriam Batista Té, Dina Cá, Gabriel António, Marcelo Rui M'bunde, Romana, Sofia Silva Cunha, Maisa, N'tombo entre outras.

Meus agradecimentos aos meus colegas de sala que me proporcionaram sempre na minha caminhada dentro e fora da academia, aos professores da Unilab, especialmente ao meu orientador Ercílio Neves Brandão Langa que teve contribuições muito importante na forma como orientou este presente trabalho.

Agradeço aos técnicos, assistentes e os funcionários da Unilab, que contribuíram para o enriquecimento desta monografia através dos fornecimentos de dados dos estudantes africanos na Unilab. Do mesmo modo que agradeço imensamente a instituição que me permitiu a concluir a minha primeira graduação, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Não posso esquecer de agradecer Bionhinte Satna Bualte a pessoa maravilhosa que sempre nos momentos bons ou ruins fica ao meu lado ajudando me superar as dificuldades mesmo de longe, por isso, estou grato por tudo que ela contribuiu psicologicamente no meu dia-a-dia.

Agradeço às pessoas que disponibilizaram os seus valiosos tempos para realizar as entrevistas presencial de caráter etnográfica que ajudaram na formulação e enriquecimento desta monografia, também sem esquecer dos entrevistados por via internet através de facebook e WhatsApp pois, as informações obtidas são elementos essenciais que me ajudaram a pensar sobre as experiências dos estudantes africanos em alguns Estados do Brasil.

Colna Francisco Nhassé e o meu irmão de pai merecem os meus agradecimento, por outro lado, os meus agradecimentos vão para os meus amigos e colegas da infância que muito cedo acreditaram no meu potencial nomeadamente: Isna Gabriel Sai, Wilson Sino Nan Nhoa,

Felizmina Nan Nhoa, Iano Fogna Blata, Levi Marcelino Intumbo, Joia Francisco Nanque, Ivo Aloide Ié, Ramiro Pedro Nanque, Miraide Alves, Linda Alves, Baba Jorge Naneque, Emanuel Kant Iala, Marcelino Correia, Vavito André da Costa, José Paulo Indí, Rute Fernandes, Tabita Pires, Loida Có, Wilson Arican Nanque, Juca Có, António Có Junior, Julinho José M´bumbé, Miguel Alberto Tchudá entre outras.

Por outro lado, também agradeço as instituições que me apoiaram quer diretamente ou indiretamente para que este trabalho possa chegar ao fim nomeadamente: a IBGE, que me forneceram materiais úteis para a realização do meu trabalho. A Unilab, pelo conhecimento adquirido ao longo da minha formação e que hoje posso orgulhar desta Universidade que à menos de uma década da sua existência está resgatando as histórias afro-brasileiras que eram alvos marginalizados na concepção eurocêntrica. Hoje em dia a Unilab me ensinou a ter os olhares de dentro para fora.

Meus agradecimentos ao governo federal brasileiro, e em especial ao governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva. Por ter criado uma Universidade da integração internacional com os países da África especialmente dos PALOP's e do Timor-Leste no âmbito da cooperação Sul-Sul. Esta cooperação permite trocas de conhecimentos acadêmicos e não só, mas também de fazer conhecer as multiplicidades das culturas e costumes desses países.

“A ignorância nos faz perder muita coisa na vida, quantos mais ignorante a pessoa é, menos conhecimento a adquirir, por isso, não ignore ninguém na sociedade pois, ninguém sabe o que ele é capaz de fazer” ... Julio Sumba.

RESUMO

Este presente trabalho busca compreender e analisar o processo de inserção e da integração dos alunos africanos nas suas novas aventuras acadêmicas fora do continente concretamente na Unilab, no entanto, os conteúdos abordados ao longo de todo o trabalho, busca discutir e analisar a forma como os estudantes africanos se adaptaram no Brasil, um país historicamente marcado pelo preconceito e o racismo perverso contra os negros. Estes estudantes vindos de diferente parte de Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa (PALOP), através de Processo de Seleção dos Estudantes Estrangeiros (PSEE), no âmbito da cooperação Sul-Sul que o Brasil tem com os países africanos. Para além das revisões bibliográficas, a análise das entrevistas, também será um dos meios importantes para a realização deste trabalho. A problemática levantada no trabalho busca entender como tem ocorrido a inserção dos estudantes africanos dentro e fora da Unilab.

Palavras-chave: Estudantes africanos. Estudantes universitários - São Francisco do Conde (BA). Racismo na Educação - São Francisco do Conde (BA). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Estudantes - 2014-2018.

ABSTRACT

This paper seeks to understand and analyze the process of insertion and integration of African students into their new academic adventures outside the continent concretely in Unilab, however, the contents covered throughout the work, seeks to discuss and analyze how the African students have adapted in Brazil, a country historically marked by prejudice and perverse racism against blacks. These students come from different countries of Portuguese Speaking African Countries (PALOP), through Foreign Student Selection Process (PSEE), within the scope of South-South cooperation that Brazil has with the African countries. In addition to the bibliographic reviews, the analysis of the interviews will also be one of the important means to carry out this work. The problem raised in the study seeks to understand how the insertion of African students inside and outside Unilab has taken place.

Keywords: African students. Racism in Education - São Francisco do Conde (BA). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Students - 2014-2018. University students - São Francisco do Conde (BA).

RUSUMU

Es tarbadju na buska kumprindi i analiza prusesu di inserion i di integrason di alunus afrikanus na se nobus abenturas di skola fora di kontinenti konkretamenti na Unilab, pa es, kusas ku faladu na tudu es tarbadju, buska diskuti i analiza di forma kuma ki studantis afrikanus konsigui adapta na Brasil, un país storikamenti markadu pa prekonseitu ku rasismu di maldadi kontra negrus. Es studantis ku bin di diferentis parti di Países Afrikanus di Língu Ofisial Portuguis (PALOP), atrabes di Prusesu di Seleson di Studantis Strandjerus (PSEE), na forma di koperason Sul-Sul ki Brasil tene ku países afrikanus. Fora di rivisons bibliográfikas ku fasidu, tambi anális di n'ativistas, na sedu utrus forma m'portantis pa realizason des trabadju. prubulema lantandadu na es tabadju i di buska n'tindi kuma ki kuri inserion di studantis afrikanus dentru i fora di Unilab.

Palabras-tchabi: Rasismu na Edikasyon - São Francisco do Conde (BA). Studantis afrikanus. Studantis elèv kolèj - São Francisco do Conde (BA). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Studantis - 2014-2018.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa do São Francisco do Conde	24
Tabela 1	Número de estudantes internacionais da Unilab Campus dos Malês que foram selecionados através do processo de seleção de estudantes estrangeiros (PSEE), 2014-2018	29
Figura 2	Imagem de primeiros estudantes africanos na Unilab/BA Campus dos Malês	30
Tabela 2	Número de Estudantes entrevistados por nacionalidade, idade, ingresso, curso e sexo	61

LISTA DE ABREVEATURA DE SIGLAS

ASEA – Associação dos Estudantes e Amigos de África
BHU – Bacharelado e Humanidades
CISO – Ciências Sociais
CNJ – Conselho Nacional de Justiça
CPF – Cadastro de Pessoa Física
CPLP – Comunidades dos Países da Língua Portuguesa
EUA – Estados Unidos de América
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT – Lésbica Gays Bissexuais e Travestis
MEC – Ministério da Educação
OMS – Organização Mundial de Saúde
PAES – Programa de Assistência ao Estudante
PSEE – Processo de Seleção dos Estudantes Estrangeiros
PALOP – Países Africano da Língua Oficial Portuguesa
PEC-G – Programa de Estudante-Convênio de Graduação
PIB – Produto Interno Bruto
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RI – Relações Internacionais
RLAM – Refinaria Landulpho Alves-Mataripe
RNE – Registo Nacional de Estrangeiro
RNM – Registo Nacional de Migração
RU – Restaurante Universitário
STF – Supremo Tribunal Federal
TV – Televisão
UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	A METODOLOGIA	22
3	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DA CIDADE SÃO FRANCISCO DO CONDE	23
3.1	INSERÇÃO DOS ESTUDANTES AFRICANOS NA UNILAB/BA CAMPUS DOS MALÊS	27
3.2	SITUAÇÃO DOS AUXÍLIOS	35
3.3	SITUAÇÃO DO RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DA UNILAB	39
3.4	RELACIONAMENTOS COM OS PROFESSORES E OS ESTUDANTES BRASILEIRO (AS)	41
3.5	RELACIONAMENTO COM LÉSBICA, GAY, BISEXUAIS E TRAVESTIS (LGBT)	43
4	INSERÇÃO DOS ALUNOS AFRICANOS FORA DA UNILAB	46
4.1	OS PRECONCEITOS BULLYING E O RACISMO VIVENCIADO NA CIDADE POR AFRICANOS	51
5	PROCESSO DA INTEGRAÇÃO NA UNILAB	57
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

Este presente trabalho visa busca entender de forma mais clara e precisa sobre a vida e as vivências do primeiro grupo de estudantes africanos na Unilab Campus dos Malês, nomeadamente de Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São-Tomé e Príncipe que chegaram o solo brasileiro, concretamente no Estado da Bahia no município São Francisco do Conde no ano 2014, a cidade na qual onde fica Campus dos Malês. Visto que praticamente não há trabalhos escritos que relatam a vida dos estudantes africanos na Unilab, no entanto, poucos autores pesquisaram e escreveram sobre estudantes africanos aqui no Brasil. Neste mesmo sentido procuraremos trazer outras causas que mexeram com os estudantes dos PALOP's nos seus dia-a-dia enquanto negro (as) africano (as) na procura de conhecimentos acadêmico nas universidades brasileiras.

Dada a esta ausência de estudos acadêmicos sobre o assunto, entendemos que vale a pena escrever um trabalho que relata o processo de inserção e da integração destes mesmos estudantes desde os preparativos para as suas vindas no Brasil e na Unilab em particular e após, as suas chegadas. Não só, mas também, de estudar as causas que deixaram as marcas na vida dos mesmos, aliás, pretendemos escrever vários episódios que relatam sobre os acontecimentos na cidade após a chegada dos africanos no município e que está sendo transmitido pela oralidade dentro e fora da academia através das conversas informais obtidas, e segundo muitos estudantes que entrevistamos relataram os acontecimentos com muita estranheza. Por fim, este trabalho busca estudar e comparar as características que existem e permanecem existente entre os cidadãos do município São Francisco do Conde, os primeiros grupos dos estudantes africanos e para com os recém-chegados. Além disso, a problematização da pesquisa consiste em saber o seguinte: tendo em conta o racismo perverso existente no Brasil contra os negros, como era e é interpretado a chegada dos africanos em São Francisco do Conde que vieram com objetivos de estudos universitários na Unilab?

Apesar de poucos anos de vivência na cidade com a comunidade São Franciscana e a comunidade acadêmica da Unilab, percebemos que a cada dia que passa está tendo várias interpretações sobre as vindas e estadias dos estudantes na cidade, e principalmente a presença dos africanos, nisso, notamos que existe uma enorme diferença em todos os aspetos entre os primeiros grupos de estudantes que chegaram no município, em relação aos últimos. Primeiramente começando por questões logísticas dentro do Campus nomeadamente a biblioteca que tinha na altura para os estudos nela não havia livros suficientes que o (as)

professores (as) solicitavam para os estudos consultares, no entanto, não satisfazia as necessidades dos usuários, a falta dos equipamentos informáticos no laboratório da informática havia poucos computadores disponíveis para atender o fluxo e número dos utentes entre outras faltas que fazia sentir naquele momento.

No entanto o que podemos constatar atualmente é que existe um pouco de mudança nestes setores acima mencionada apesar de não conseguir atingir todas as demandas necessitadas na sua totalidade, mas a universidade já tem as mínimas condições que de antes não tinha, sendo assim, podemos afirmar que os primeiros estudantes passaram mais dificuldade em termos logísticos, inserção e de adaptação ou seja, em todos os aspetos quer individual ou coletiva com relação aos dos anos 2015, até os momentos atuais. Pois, podemos notar que os estudantes agora podem gozar de muitas coisas que a universidade tem e que não tinha a quando da sua abertura.

Partindo testes pressupostos atribuímos ao trabalho uma grande responsabilidade de trazer vários conceitos importantes de suma importância para com a comunidade acadêmica, pois consiste em abordar as diversas vivencias dos estudantes africanos no Campus dos Malês que está sendo transmitido a cada entrada através das oralidades. Também se trata de analisar a forma como os africanos são vistas no seio dos cidadãos São Franciscanos. É notório que os olhares dos moradores do município não vão ao encontro dos olhares de estudantes africanos tendo em conta algumas diversidades socioculturais e religiosas entre o Brasil e a África.

Além disso, a cidade na altura não estava preparada para receber pessoas vindos de fora, isso porque, em termos da infraestrutura, alojamento, comércio, campanha de sensibilização aos moradores entre outros fatores que poderiam anteceder a chegada pela primeira dos estudantes africanos na cidade e Unilab em particular. Esses preparativos não foram feitas condignamente.

A metodologia usada no trabalho se baseou em realizações da pesquisa qualitativa de caráter etnográfico através das oralidades, isso, passa por entrevistar os primeiros e estudantes africanos no São Francisco do Conde, sendo assim, essa técnica serviu como a foram para a coleta dos dados, porém, a pesquisa tem um pouco de semelhança da pesquisa antropológica, utilizamos as entrevistas presenciais assim, como por vias de internet através de vídeo chamada, bem como as publicações (livros, artigos científicos), material audiovisual (imagens, vídeos, etc.). Também no site oficial da Unilab, as revisões bibliográficas sobre os estudantes africanos fora do as África no Brasil em particular. No tocante a integração de todas as nacionalidades que compõe a Unilab, nomeadamente Angola, Brasil, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São-Tomé e Príncipe e Timor Leste. No qual é um dos principais

objetivos da universidade o nosso foco neste trabalho é entender se existe uma integração de verdade que consegue unir todas estas nações sabendo que existe diversidades culturais e religiosa. Fruto dessa pesquisa é graças a conversas obtidas com os estudos veteranos sobre as suas inserções dentro e fora da Universidade e também a questão da integração, e com a junção da pesquisa sobre estudantes africanos no Brasil, que agora pude concluir.

Os sujeitos da nossa pesquisa são os estudantes dos países acima mencionados que compõem a Unilab. Os técnicos, os professores, os responsáveis do programa assistência estudantil e também fizemos contatos através de vídeo chamada com estudantes de três Campus no Ceará: Redenção, Acarapé e Palmares para tentar comparar as dificuldades dos mesmos com relação aos estudantes do Campus dos Malês. Alguns contatos feitos via internet (facebook, WhatsApp e Instagram), referente ao tema da nossa pesquisa com colegas estudante de diferentes Estados aqui do Brasil. Porém foram realizadas as entrevistas presenciais com estudante do Campus dos Malês e alguns moradores da cidade. Nesta cidade podemos notar que as falas do/as entrevistado (as) foram fundamentais para o enriquecimento da nossa pesquisa que nos ajudou bastante a alcançar um dos objetivos principais do trabalho. No decorrer da pesquisa, analisamos alguns vídeos e fotos postadas no site da Unilab Campus dos Malês que retratam os primeiros momentos da chegada dos estudantes internacionais e a cerimônia da abertura do Campus.

Para situar melhor os leitores sobre o propósito deste trabalho optamos por resumir de uma forma aceitável dividindo assim em capítulos, o presente trabalho está estruturado em quatro capítulos, além da introdução e as considerações finais. Também um glossário explicando alguns termos utilizados durante todo o trabalho.

No primeiro capítulo faz-se de uma forma prévia e precisa sobre a contextualização e o panorama histórico da cidade São Francisco do Conde, retratando a situação geográfica do município localizado no Recôncavo baiano, a economia, a cultura, e abordamos um pouco de como a cidade é administrada também falamos sobre as relações raciais na cidade.

O segundo capítulo fala já da inserção dos estudantes africanos na Unilab, e como ocorre os processos da inserção dos primeiros grupos de estudantes africanos no Brasil (Unilab Campus dos Malês) no ano 2014, quando das suas chegadas: quais foram as suas impressões sobre a cidade, a situação de comida baiana, o auxílio, a língua, os seus relacionamentos com as pessoas da (LGBT) entre outras. Também este mesmo capítulo explica quais foram as suas contribuições para o desenvolvimento e crescimento econômico da cidade de forma direta ou indireta.

No terceiro capítulo debruçei mais para a inserção dos estudantes africanos fora da Unilab. Aí abordei a questão da segurança dos estudantes na cidade, como se identificavam no município, como tinha ocorrido o processo de arrendar os imóveis, como suportavam os sucessivos assaltos em diferentes bairros da cidade. Também trazemos algumas falas dos estudantes sobre o racismo, preconceito e bullying vivido ao longo de todos esses anos enquanto povos negros (as) do continente africano no Brasil. Por último relatamos com forme a explicação dos alunos sobre os seus estranhamentos com a população São Franciscana.

Para o quarto capítulo, trago um dos principais objetivos da Unilab, “a integração” dos países que compõem a Unilab e em primeiro lugar este capítulo aborda o conceito da integração. Nessa sequência de ideia e ao longo de toda a pesquisa também, com as falas ouvidas através dos estudantes e alguns professores podemos constatar que há um certo distanciamento que existe entre a integração propriamente dita com a integração da família *unilabiana*. Isso porque, descobrimos que existe as diferenças culturais entre os cinco países dos PALOP’s, do Brasil e do Timor que de uma certa forma impõe uma boa integração. Nota-se que a “integração” vista na Unilab, só existe dentro das salas de aula lá fora cada um fica no seu cantinho.

Portanto, este assunto mereceu destaque ao longo de todo o quarto capítulo do nosso trabalho e por último, constatamos segundos as vozes ouvidas a boa parte da integração só aconteceu nos primeiros momentos da Unilab, isso se deve pelo fato de naquela época não existia muitos estudantes no Campus, também outro fator que contribuiu para uma integração é que, muitos estudantes na altura tinham curiosidade de conhecer um pouco da realidade de outros países tanto, para os africanos assim como para os brasileiros que nunca tiveram oportunidade de conviver com os africanos.

Pergunta de partida: como ocorre a inserção dos estudantes africanos na Unilab e na cidade de São Francisco do Conde?

Objetivo geral:

- Compreender a vida e a inserção de alunos africanos na Unilab-Campus dos Malês.

Objetivos específicos:

- Descrever as vivências dos primeiros estudantes africanos durante os anos 2014 - 2018.

- Analisar as percepções da população local sobre a presença de estudantes africanos na cidade.
- Verificar a integração dos alunos africanos na comunidade estudantil da Unilab.

1º Hipótese:

Os estudantes africanos encontraram as dificuldades de inserção e de relacionamento dentro e fora da universidade, por conta da língua, culinária, clima, aluguel de imóveis, entre outros fatores que condicionam diretamente as suas vidas.

2º Hipótese:

Os primeiros estudantes africanos da Unilab defrontaram com as dificuldades no que tange à compreensão dos métodos de ensino implementada nas universidades brasileiras, porquanto não estão acostumados a fazer as avaliações exigidas nas mesmas, designadamente: fichamentos, resenhas e resumo, dentre outras.

3º Hipótese:

Parte das dificuldades encontradas pelos estudantes africanos no cotidiano devem-se ao fato de residirem no Brasil, um país historicamente marcado pelo racismo e preconceito contra os negros. Também, é de notar que não tinha tutores (as) na altura para os orientar e fazê-los (as) conhecer a realidade do município sendo estes (as) são novatos (as) no país.

Justificativa: a feitura deste trabalho surgiu após a minha chegada na Unilab no ano 2017, depois de muita conversa com os tutores, estudantes veteranos e pessoal do programa da assistência estudantil, que desde abertura do campus estiveram presentes. Este último sempre faz a questão de informar e instruir os estudantes novos que acabaram de chegar as normas de procedimento da Universidade e um pouco da cidade em fim, fazem dos estudantes mais veteranos como exemplo para seguir. E a minha paixão pelo tema começou a partir das falas dos tutores na altura um dos primeiros que chegaram o Campus dos Malês e que transmitiam as suas experiências enquanto primeiros estudantes africanos na Unilab e no município São Francisco do Conde.

Por outro lado, tendo em conta a falta dos documentos escritos sobre as vivências dos estudantes em causa ao longo de todos os processos da integração e que está sendo transmitida através de oralidade, nota que com o tempo vários destes relatos importantes sobre a vida dos estudantes poderão se apagar por falta de registro. Partes dos estudantes da primeira turma já não se encontra mais no Campus dos Malês e o resto do grupo está prestes a se formar e, conseqüentemente, deixarão a Universidade. Por isso, é entendido que vale a pena produzir documentos e textos que falam sobre a vida dos primeiros estudantes africanos, relatado por eles mesmos enquanto os sujeitos que vivenciaram e sentiram na pele o processo.

Nisso, primeiramente pretendemos com este trabalho compreender as causas que originaram as dificuldades destes estudantes para a sua inserção dentro e fora da Universidade. E nessa mesma lógica esperamos que este tema escolhido possa ajudar os alunos africanos na Unilab a compreender o modo como inserir na Unilab e conseqüentemente, nas instituições do ensino superior no Brasil. O nosso trabalho também poderá trazer à luz outros aspectos da vida estudantil e cotidiana dos alunos africanos na diáspora, bem como ajudar a compreender os processos de inserção e integração desses sujeitos em universidades.

Outros aspectos importantes do trabalho que motivou o autor a pensar sobre esta temática é de extrema relevância porque, vai espelhar alguns conceitos negativos e positivos que os primeiros estudantes africanos vivenciaram no seu dia-a-dia nos anos, 2014 após as suas chegadas na Unilab Campus dos Malês. Estes estudantes africanos da primeira entrada oriundos de diferentes países africanos da língua oficial portuguesa (PALOP) nomeadamente: Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe com as realidades diferentes de uns aos outros.

Assim, o nosso contributo com esse trabalho é para mais-valia na comunidade acadêmica, conseqüentemente para colmatar algumas lacunas e marcas deixadas nas memórias dos estudantes que de uma certa forma causou negativamente o rendimento acadêmica dos mesmos. Sabendo que, um (a) estudante para ter bom sucesso na sua vida acadêmica ela precisa ter a mente sossegada a fim de poder assimilar as matérias e cumprir com todas as demandas exigidas na universidade.

Justifica-se, também que os estudantes africanos que tiveram contato pela primeira vez com as comunidades de São Francisco do Conde, na sua maioria ficavam surpresos estranhados com a realidade que encontravam no Brasil. Tal realidade é bastante diferente daquela que viam na mídia que, quase sempre, passa imagem – telenovelas onde se veem prédios, arranha-céus – distintas da realidade vivenciada no Brasil, particularmente do

Recôncavo Baiano, onde se localiza São Francisco do Conde. Sempre mostram a maioria da população branca e que poucas vezes mostram as realidades das periferias com a maioria da população negra como no caso de município São Francisco do Conde e de mais outros ao seu redor. Essa era a impressão que a maioria desses estudantes tinha na altura. A partir dessa altura alguns começaram a questionar, outros até pensavam que estão num país errado não, no Brasil também é uma das causas que dificultavam a inserção dos mesmos dentro e fora da academia. Por isso, achamos por bem que faz sentido pesquisarmos sobre esses aspectos de estranhamento da maioria dos estudantes.

Baseando nestas afirmações e segundo alguns relatos dos estudantes através das oralidades afirmaram que não era fácil para eles, encontrar uma casa para aluguel nos seus primeiros momentos na cidade. Isso tudo tem a ver com alguns atos do racismo perverso que se faz sentir em todo o Brasil e o município São Francisco em particular que e mais adiante serão abordados. Estes constituem os elementos que motivaram o pesquisador a realizar este trabalho sabendo que, o Brasil passou por um longo processo histórico de racismo dos brancos contra os negros, mas o que aconteceu com os africanos é o racismo de negro brasileiro contra os negros africanos e dos brancos contra os africanos com isso, pretendemos fazer um mapeamento geral do assunto de ambas as partes e trazer à luz do dia para não reproduzirmos senso comum.

É de extrema importância abordar esse assunto de vida dos estudantes, porque é graças a cooperação do governo Lula que muitos dos estudantes africanos e brasileiros, que não conseguiam ingressar nas universidades a fim cursar formações dos seus agrados, mas hoje em dia é possível graças a essa cooperação. Porém, nota-se também que é através da cooperação Sul-Sul entre o Brasil e os países da África muitos dos quadros africanos se formaram, que posteriormente no futuro próximo darão as suas contribuições nas diferentes áreas de formação nos seus países de origem. De recordar que num discurso feito no mês de Agosto do ano 2017, numa das formatura da segunda turma dos estudantes de bacharelado em humanidades, o Ex-Presidente da República Federativa do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, afirmou aos estudantes e os demais participantes da cerimonia que, o Brasil não está fazendo um favor aos povos africanos, mas sim é o pagamento da dívida histórica que o Brasil tem para com os países africanos.

Por tanto, o pesquisador pretende levantar series questões sobre estas vivências dos primeiros estudantes africanos do ano 2014, na qual as suas inserções na Unilab, com a comunidade do município, com os professores, os técnicos e as donas das casas onde moram, e como suportavam preconceitos num país historicamente marcado pelo preconceito e

racismo o racismo perverso. Por outro lado, tentar analisar essa visão do Brasil que a maioria dos estudantes tinha na altura antes de chegarem o Brasil e depois de estarem na cidade São Francisco do Conde.

Esperamos com a feitura desse trabalho, vai proporcionar os conhecimentos acadêmicos que visa como a forma de entender o outro, ao mesmo tempo contribuirá em apoiar a comunidade acadêmica numa perspectiva para compreender as diversidades culturas que existe entre os países membros integrantes da Unilab, mas também em qualquer comunidade onde se encontra uma faculdade sob a dimensão transformadora como a Unilab tem estado a fazer com a maioria dos estudantes negro (as) que não tinham oportunidades de sentar nas cadeiras de universidades para receber formação. Após a feitura deste trabalho a par de outras obras já feita pelos outros autores que relatam a vida dos alunos estrangeiro e africanos em particular aqui no Brasil, pretendemos ser uma das contribuições a tentar de fato mostrar como é a vida dos estudantes africanos no Brasil e descrever a respeito do cotidiano dos estudantes africanos nas universidades brasileiras a fim, de constatar as realidades que os alunos africanos têm enfrentado ao longo das suas inserções e integrações na Unilab.

2 A METODOLOGIA

Este trabalho consistirá em compreender a vida dos estudantes africanos na Unilab, bem como no município São Francisco do Conde e as suas convivências cotidiano no Campus dos Malês. A pesquisa começará com a elaboração de uma pergunta de partida e a metodologia de pesquisa a ser utilizada consistirá na realização da pesquisa qualitativa de caráter descritiva através das oralidades, entrevistando os alunos e os demais sujeitos que estiveram presentes nos primeiros momentos da abertura da Universidade e que vai servir como a técnica para a coleta dos dados.

Optamos por escolher os métodos acima mencionados tendo em conta a escassez dos trabalhos acadêmicos que retratam sobre a vida dos estudantes africanos no Brasil, sobretudo em São Francisco do Conde. Motivo pelo qual, achamos por bem que o método mais eficaz para o enriquecimento e a compreensão do nosso trabalho seria por meio da oralidade. Desta forma, podemos realizar entrevistas com os estudantes presencialmente. Sendo assim, o pesquisador compreenderá as causas que originaram as dificuldades de inserção e de integração dos alunos africanos na Unilab.

Markoni e Lakatos (2003) consideram que as investigações, em geral, nunca se utilizam apenas um método ou uma técnica, e nem somente aqueles que se conhecem, mas todo os que forem necessários ou apropriados para determinado caso. Nessa ordem de ideia, utilizaremos as seguintes técnicas: levantamentos bibliográficos, artigos científicos, história oral, livros, monografias, teses sobre alunos africanos no Brasil, pesquisas em sites na internet, no facebook, no Instagram, twitter, as conversas informais com as pessoas envolvidas durante estas vivências dentro e fora da academia, também, acessar os documentos oficiais da Unilab, as pesquisas documental sobre estudantes africanos na Unilab, os dados estatísticos institucionais, os documentos da agremiações estudantis africanas na Unilab, nos blogues e imagens.

Os sujeitos da nossa pesquisa serão os estudantes africanos, os primeiros professores, os técnicos, pessoal da assistência estudantil e a comunidade do município São Francisco do Conde através das entrevistas presenciais.

Por tanto, dessa forma procuraremos entender junto dos estudantes em causa, dos professores e dos técnicos sobre essas impressões da primeira turma do ano 2014, e a forma como contribuir com este trabalho a fim de servir como manual acadêmico que possivelmente poderá ser como a solução para os futuros estudantes, ou seja para que as gerações futuras não viessem a passar a mesma situação.

3 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DA CIDADE SÃO FRANCISCO DO CONDE

São Francisco do Conde é um município brasileiro do Estado da Bahia de todos os santos. “Localizada no Recôncavo baiano”. Sua população estimada pelo Instituto Brasileiro e Geografia (IBGE, 2010) no ano 2018, é de 39.338 pessoas sendo que, no último (censo 2010)¹, era de 33.183 pessoas, com a extensão territorial de 263 km². São Francisco do Conde foi uma terra pertencente a Mem de Sá, o terceiro governador-geral do Brasil e o fundador da cidade do Rio de Janeiro, a cidade pertencia ao terreno de Salvador até os anos de 1697, quando foi emancipado e faz fronteiras com as vizinhas cidades de Santo Amaro da Purificação, Madre de Deus e Candeias. O município está localizado a 80 km de Salvador

¹Disponível: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/panorama>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

(capital do Estado da Bahia). Uma cidade pequena com pouco mais de 30 mil habitantes, mas com a capacidade de arrecadar uma das maiores riquezas do Brasil sendo assim, de acordo com últimos dados levantados pela IBGE (2010), o município São Francisco do Conde possui PIB de R\$ 296,9 mil é uma das maiores cidades com o alto rendimento do PIB em todo o Brasil. Dados atualizado pela IBGE, no dia doze de Dezembro de dois mil e doze.

Conforme no mapa em baixo, ilustra as divisões administrativas entre municípios vizinhos que fazem fronteira com a cidade São Francisco do Conde dentre os quais: Santo Amaro da Purificação, Candeias e Madre de Deus.

Figura 1 - Mapa do São Francisco do Conde



Fonte:

<<https://www.google.com.br/search?ei=en8fXNO8DseeWgTepKqWdw&q=google+maps+de+São+Francisco+do+Conde&oq=>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

De acordo com Jorge do Espírito Santo, professor, geógrafo e escritor do município relatou que, “no que diz respeito às coordenadas geográficas, que são conjunto de linhas imaginárias que determinam a localização da posição geográfica do fenômeno, da cidade São Francisco do Conde [...], a localização do município [...] tem latitude de 12° 37’ 50” sul e 38° 40’ 20” oeste, banhado pela água da Bahia de todos os santos.

A cultura encontrada na cidade, não é muito diferente da cultura africana deixada pelos escravos africanos, tendo em conta os fatos históricos que ligou o Brasil com o continente africano principalmente na zona nordeste do Brasil e na Bahia em particular dada a

esta situação história, desde o período colonial, o São Francisco do Conde é considerado como guardião de uma diversidade cultural inestimável. Pois, suas maiores riquezas foram preservadas por meio da história passada de geração para geração do mesmo modo que acontece na tradição africana sendo os conhecimentos é transmitido por oralidade isso passando de geração a geração. Por isso, ainda até hoje, se manifesta as manifestações culturais da era colonial. Uma das maiores manifestações culturais viva na cidade é o seu tradicional São João que conta com danças populares, como o forró e a quadrilha. Também de acordo com a Bento (2016), podemos encontrar outras manifestações culturais na cidade São Francisco do Conde como o Lidroamor², a Capoeira, o Samba, Capabode³, Mandus⁴, e os Meninos da Lama⁵, ⁶etc.

As manifestações culturais como: (a capoeira, maculelé, samba de roda, bamba de pitangueira, etc.). São mais algumas das marcas deste passado colonial e escravista. Por fim, cabe reafirma a presença da herança cultural dos diferentes povos e grupos sociais que ai esteve presente: a capoeira, maculelé, samba de roda, bamba, mandú, meninos da lama, etc. Na cidade também ainda podemos observar alguns comportamentos relacionados aos negros escravizados a saber cidadãos andando sem camisa, descalços e comendo com a mão. São Francisco é uma cidade jovem e negra, com uma história invejável e muito curiosa para muitos pesquisadores (BENTO, 2016, p. 16-17).

² Manifestação de cunho religioso que tem como objetivo pedir esmolas para comemorar os festejos de São Cosme e São Damião, ou de outro santo. Os santos são colocados em andores ornamentados de papel crepom colorido e flores, os quais são conduzidos por mulheres que usam saias compridas estampadas, batas, calçando chinelas ou descalças, chapéu de palha enfeitado de fitas ou de papel crepom. Os homens usam calça branca ou de outra tonalidade. O cortejo é acompanhado de instrumentistas tocando viola, cavaquinho, pandeiro, tambor e violão. Os cânticos entoados estão ligados ao santo homenageado.

³ A palavra Capabode surgiu durante a Era Colonial, a expressão vem do ato dos escravos de arrancar os testículos do bode. Os africanos escravizados também arrancavam a cabeça do animal e usavam para se disfarçar e conseguir fugir dos senhores de engenho. Mais tarde, os escravos descendentes de bantos (Angola) começaram a confeccionar máscaras horripilantes para assustar e saquear os estabelecimentos locais. Com o passar do tempo, a história e as máscaras dos capabodes foi incorporada ao carnaval, tornado-se um dos grupos mais animados da cidade.

⁴ A palavra Mandu pode ser encontrada tanto no vocabulário dos índios quanto no dos africanos. Para os índios, significa uma espécie de fantasma e para os segundos é aquele que se dedica a um orixá, no caso Xangô, Ifã e Obatalá. Nas festas, as pessoas tocavam atabaques, berimbau e rucumbo, instrumentos que ficavam ocultos sob as vestes. Independente da origem, a tradição se iniciou no século XXI e se perpetuou no calendário folclórico da cidade de São Francisco do Conde.

⁵ No carnaval de São Francisco do Conde, uma forte tradição são os Meninos da Lama. São garotos, filhos de marisqueiros da região, que saem às ruas durante o carnaval, com o corpo coberto de lama. O grupo meninos da lama na verdade é uma forma cultural de passar para a sociedade a realidade onde os meninos estão inseridos, pois são crianças que sobrevivem do trabalho que realizam como marisqueiros ou catadores de caranguejo junto com seus pais, de onde tiram o sustento de suas famílias. Eles mostram de onde vieram e em que local estão fixadas as suas raízes.

⁶Disponível: <<http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/cidade/cultura/>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

Administrativamente, o município de São Francisco do Conde é administrado pelo prefeito sendo como chefe do Executivo municipal, exerce a função de administrar os serviços públicos locais. Atualmente o prefeito é Evandro Almeida. No entanto, é importante ressaltar que o município de São Francisco do Conde está situado no Estado da Bahia, que por sua vez representa um dos 26 estados da República Federativa do Brasil⁷.

Economicamente São Francisco do Conde é um município que contribui muito para o crescimento econômico do Brasil. Desde a era da dominação dos portugueses a cidade produzia diversas riquezas que conseguia sustentar quase toda a população. Também São Francisco é um dos municípios brasileiro com maior Produto Interno Bruto (PIB)⁸ Per capital devido a emassa produção de cana-de-açúcar, fábrica de fumo, a pesca, em particular a extração do petróleo extraído no solo do município e pela Refinaria Landulpho Alves-Mataripe (RLAM), da Petrobras. Segundo estudiosos consideram que atualmente a cidade em questão é uma das melhores produtoras da riqueza do produto interno bruto PIB em todo o Brasil configurando assim na 3ª posição. Por outro lado, os dados da IBGE (2016) apontam que o PIB do município é de R\$ 296.459,35 per capital, conseqüentemente conseguiu arrecadar cerca de R\$ 594.320,00. Apesar de todas essas riquezas na cidade, a grande parte da população do município São Francisco do Conde ainda vivem numa situação de pobreza⁹. No entanto, a (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, PNUD, 2003), considera a taxa de mortalidade infantil em São Francisco de estar acima do máximo considerado aceitável pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Na área da educação segundo dados apurados pela IBGE (2015), os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 4.5 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 28. Na comparação com as cidades do mesmo Estado, a nota dos alunos dos anos iniciais coloca essa cidade na posição 131 de 417. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 347 de 417. A taxa de escolarização (para as pessoas de 4 a 6 anos) foi de 97.9 em 2010. Isso posicionava o município na posição 133 de 417 dentre as cidades do Estado da Bahia na posição 2237 de 5570 dentre as cidades do Brasil.¹⁰

⁷ Disponível: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sao-francisco-do-conde.html>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

⁸ Disponível: <<http://www.saofranciscoconde.ba.io.org.br/dadosMunicipais>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

⁹ Disponível: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/panorama>>. Acesso em 11 fev. 2019.

¹⁰ Disponível: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/panorama>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

De acordo com a pesquisa do IBGE (2010), percebemos que os problemas de saúde são muito precários na cidade de São Francisco com relação aos outros municípios da Bahia, principalmente no que toca com números dos mortos das crianças, porém é calculado a taxa de mortalidade infantil, é de 9.39 para 1.000 nascidos vivos. As internações devido a diarreias são de 0.1 para cada 1.000 habitantes. Sendo assim, comparando com todos os municípios nascidos do Estado, fica nas posições 320 de 417 e 382 de 417, respectivamente. Quando comparado as cidades do Brasil todo, essas posições são de 3381 de 5570 e 4734 de 5570, respectivamente.¹¹

3.1 INSERÇÃO DOS ESTUDANTES AFRICANOS NA UNILAB/BA CAMPUS DOS MALÊS

Após a chegada dos estudantes africanos no Estado da Bahia concretamente no Campus dos Malês no ano 2014, culminou com a inauguração do Campus na presença de várias entidades que tomaram parte na cerimônia da abertura. O Ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, a então prefeita do município Rilza Valentim, a reitora da Unilab Nilma Lino Gomes e o seu vice-reitor Fernando Afonso Ferreira, e a primeira diretora do Campus Núbia Moura Ribeiro além dos secretários, governadores, dos municípios das diferentes cidades da Bahia, os estudantes brasileiros e os africanos também, se faz sentir a presença do público São Franciscano. O Campus é denominado “Campus dos Malês” em homenagem à Revolta dos Malês, movimento de resistência que aconteceu em janeiro de 1835 na capital baiana, Salvador, e que foi protagonizado por africanos que eram escravizados. O movimento recebeu esse nome por serem assim chamados os negros muçulmanos que o organizaram. A expressão “*male*” vem de “*imalê*”, que na língua iorubá significa “muçulmano”. Os malês eram, portanto, os muçulmanos de língua iorubá, conhecidos como “nagôs” na Bahia¹².

Os estudantes oriundos de cinco países da África para o Brasil, com o objetivo principal de receber formações acadêmicas na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), nas diferentes áreas de formação que a Universidade oferecia na altura. Os estudantes são selecionados através, de um Processo de Seleção dos

¹¹ Disponível: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/panorama>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

¹² Disponível: <<http://www.unilab.edu.br/noticias/2014/05/13/campus-dos-males-e-inaugurado-em-sao-francisco-do-conde-na-bahia/>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

Estudantes Estrangeiros (PSEE), nos países africanos da língua oficial portuguesa. Este processo de seleção é feito através de acordos de cooperação assinado na área da Educação entre o Brasil e os Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa os PALOP's e também através do Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G), que engloba quase toda a África. De acordo com Langa, (2014), esse acordo de cooperação na área da Educação entre o Brasil e a África cresceu durante 8 (oito) anos de mandato do governo Lula.

O aumento da imigração de estudantes africanos para o Brasil, no início do século XXI, também foi impulsionado pelo discurso governamental do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e sua política de cooperação e aproximação com a África. Ao longo dos oito anos do governo Lula, de 2003 a 2010, o intercâmbio estudantil entre o Brasil e países africanos foi intensificado. Em seus dois mandatos, o presidente Lula visitou 27 países africanos, enquanto seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso, visitou apenas três países. Tal política de cooperação, em curso, visa particularmente atingir o ensino superior, através de criação de distintos mecanismos, como estágios profissionais, bolsas de estudo e convênios, no sentido de viabilizar a vinda de africanos para estudar no Brasil. (LANGA, 2014 p. 103).

Dada a situação econômica, a falta de bons Universidades e a instabilidade política em alguns países africanos aumentou o fluxo de estudantes africanos para o Brasil nos últimos anos na sua maioria vindos da Guiné-Bissau. O país em questão nos últimos 20 anos sofreu sucessivos golpes de Estado e derrubes de governo “matando” assim a esperança dos jovens guineenses que sonhavam um dia poder contar com Universidades públicas no país. Tcham (2012), argumenta que: o incentivo de vir estudar no Brasil, para muitos estudantes também tem a ver com a falta de Instituições de Ensino Superior nos países de origem.

Em África, nomeadamente nos países de língua portuguesa, as infraestruturas escolares foram destruídas em mais de uma década de lutas de libertação seguidas também por décadas de conflitos sociais internas em Moçambique, Angola e Guiné-Bissau. Documentos que analisam o desenvolvimento humano e o progresso, dentro do PNUD, apontam a situação educacional precária como consequência drástica no potencial da população jovem. (TCHAM, 2012, p. 32).

A camada juvenil de aproximadamente entre 18 anos até 30 anos de idades são as que mais imigram para os estudos universitários no Brasil principalmente após a fortificação na área educacional que o Brasil está tendo com os países africanos e especialmente dos PALOP's. Essa cooperação tem como objetivo de formar jovens quadros africanos nas diferentes áreas de formação e posteriormente vão retornar aos seus países de origem para dar as suas contribuições dependendo da área de formação do estudante. De acordo com a tabela em baixo ilustra os números de estudantes de diferentes países que ingressam na Unilab em

cada trimestre três em três meses, isto é, de 2014 a 2015, e a partir do ano 2016, em diante a Unilab implementou estudos semestral de seis em seis meses.

Tabela 1 - Número de estudantes internacionais da Unilab Campus dos Malês que foram selecionados através do processo de seleção de estudantes estrangeiros (PSEE), 2014-2018

Pais / Ano	2014.1	2014.3	2015.1	2015.3	2016.2	2017.1	2017.2	2018.1	2018.2	Total Geral
Angola	01	x	x	10	12	08	10	16	05	62
Cabo-verde	05	03	x	03	02	x	01	X	x	14
Guiné-Bissau	47	19	19	16	15	17	17	17	16	183
Moçambique	01	x	x	X	01	x	x	X	x	02
São-tomé e Príncipe	01	01	x	03	05	x	x	X	x	10
Total	55	23	19	32	35	25	28	33	21	271

A tabela criada pelo autor com base nos dados facultado pelo Setor de Graduação da Unilab Campus dos Malês, dia 05 de Jan. 2019. No entanto, os dados acima inseridos na tabela não constam os números de estudantes estrangeiros que ingressaram na Unilab Campus dos Malês através do Sistema de Seleção Unificada (SISU), mas sim estes dados são dos estudantes que fizeram teste de redação nos seus países de origem.

Estes estudantes primeiramente antes de serem selecionado (as) têm que cumprir com todos os requisitos do edital de acordo com as normas de funcionamento da Unilab, nos seus países de origem, no entanto, só é admitido realizar os exames quem cumprir com todas as demandas. Além do mais, depois de esse processo são submetidos aos exames de redação e apura quem atingir a nota máxima conforme o edital e de acordo com Bathillon (2016), explica que:

Para concorrer ao processo seletivo na UNILAB, o candidato estrangeiro precisa de: ter a nacionalidade e residir no país de seleção; ter no mínimo 18 anos completos até 31 de Dezembro de 1998; Concluir o Ensino Médio; possuir bilhete de identidade válido; não ter sido beneficiado com alguma outra bolsa ou programa do Estado brasileiro; não ter concluído qualquer curso de superior (bacharelado, tecnológico, licenciatura) em instituição pública brasileira e não possuir visto permanente ou temporário para o Brasil e, apresentar os Históricos escolares do Ensino Secundário com, no mínimo, médias aritméticas sem arredondamento exigidas para cada país. (BATHILLON, 2016, p. 66).

Já para os apurados, começam com um outro novo processo de documentação a serem entregues nas embaixadas brasileiras nos seus respectivos países de origem para a concessão de visto. No entanto, a imagem em baixo demonstra a cerimonia da abertura do Campus dos

Malês no auditório do mesmo Campus – a presença de estudantes, do público externo e demais autoridades presenciaram no ato.

Figura 2 - Imagem de primeiros estudantes africanos na Unilab/BA Campus dos Malês



Fonte: <<http://www.unilab.edu.br/noticias/2015/11/05/nova-diretora-do-campus-dos-males-e-empossada-durante-cerimonia/>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

Logo após a sua chegada no Brasil a primeira dificuldade encontrada por alguns alunos africanos foi a língua, o português falado aqui no Brasil principalmente as gírias e sotaques baianos que têm um pouco da diferença do português falado em cinco países da África como é percebido estes países têm o português como a língua oficial. Como no caso de um estudante de Moçambique explica que as gírias baianas são algo muito novo para ele pois, muitas palavras são estranhas e engraçadas tendo em conta as diversidades culturais que o Brasil e a Bahia em particular tem com os países africanos da língua oficial portuguesa. Em alguns casos essas palavras são ofensivas para os baianos, mas em Moçambique é muito comum usar essas palavras como por exemplo a “rapariga” que é muito comum entre os países dos PALOP’s considerado como o feminino de “rapaz”, mas na Bahia e em algumas regiões do Brasil é uma palavra muito dura para as meninas porque, é usada para prostituta. E sabemos que a África tanto quanto o Brasil passou por um processo de colonização portuguesa que até hoje se faz sentir na África através da língua do colonizador que é usado como o modelo do ensino nas escolas e universidades dos PALOP’s. Também como a língua é elo de comunicação entre o professor e os alunos na sala de aula alguns estudantes africanos tinha dificuldades de compreender as explicações nas salas de aula. Também podemos notar

na fala dos estudantes que se sentem aborrecidos com comportamento de alguns professores que dizem nas salas de aula de não compreender o português dos africanos, portanto para Tcham (2012).

Muitos dos interlocutores lembram que, no início, as diferenças que também representam a maior dificuldade são de comunicação: “Às vezes aparece uma diferença enorme no português falado aqui, eu acho que já aconteceu comigo, eles te interpretam mal. Você faz uma pergunta e eles te respondem outra. Às vezes não se entende bem. Sotaque contribui nisso [...], (TCHAM, 2012, p. 38).

Por outro lado, o método de ensino brasileiro não é igual com o da África: no que concerne aos fichamentos e as resenhas, etc. dificultava muito a forma de aprendizagem dos mesmos desse modo, alguns estudantes africanos levaram um bom tempo para se inserirem no modelo de ensino brasileiro como é sabido nós os seres humanos cada um tem a sua forma de assimilar os conhecimentos.

No ato de documentação passam por um processo de enfrentamento burocráticos na polícia federal a fim, de adquirir documentos de estrangeiros exigidas no território brasileiro nomeadamente: CPF¹³ e RNE¹⁴ que agora é conhecido como Registro Nacional de Estrangeiro (RNM). Além do mais, os estudantes africanos com visto de estudante no Brasil nessa altura não podem adquirir visto de permanência ou outros tipos de visto emitido no Brasil isso de acordo com a nova lei da migração, seção III do artigo 33 da linha d). O visto temporário poderá ser concedido ao imigrante que venha ao país com o intuito de estabelecer residência por tempo determinado e que se enquadre nesta mesma linha. [Lei nº 13.445 em 24 de Maio de 2017](#)¹⁵, no entanto, os estudantes são obrigado (as) a renovarem os seus vistos todos os anos com três meses de antecedência do prazo de vencimento conforme a lei em cima mencionada.

Portanto, nota-se uma certa diferença nos tratamentos por parte do pessoal da Polícia Federal com os estudantes africanos, isso tem a ver com a discriminação racial e preconceito contra as pessoas negras aqui no Brasil. De acordo com Langa (2016), explica que a discriminação e o racismo institucional contra as populações negras e afrodescendentes, têm as suas raízes histórias profundas aqui no Brasil, com consequências nefastas na atualidade.

¹³CPF que significa Cadastro de Pessoas Físicas. Documento que simboliza o registro de cidadãos brasileiros ou estrangeiros legais e armazena informações pessoais do contribuinte no sistema da Receita Federal.

¹⁴RNE Registro Nacional de Estrangeiro é o documento que no Brasil atesta a identidade de indivíduos estrangeiros com residência temporária ou permanente no território da Federação brasileira.

¹⁵ Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/decreto/D9199.htm>. Acesso em: 17 jan. 2019.

A negação da existência de um contingente significativo ou inexpressivo de africanos e afrodescendentes escravizados, a invisibilização da escravidão racial de africanos e de afrodescendentes no território cearense, bem como a discriminação e o racismo institucional contra as populações negras e afrodescendentes, têm raízes históricas profundas no Ceará, com consequência nefasta na atualidade. Neste contexto, as influências, as contribuições e as participações políticas, econômica, social e cultural dos africanos escravizados, das populações negras e afrodescendentes na História do Ceará têm sido negadas e tidas como mínimas ou até inexistentes na historiografia do Estado. (LANGA, 2016, p. 193-194).

Depois de cumprirem com todos os documentos e requisitos exigidos pela Polícia Federal no Brasil, passam a ser considerados como legais no país, de acordo com a lei de imigração [Lei nº 13.445 em 24 de Maio de 2017](#)¹⁶. No art.68, § 3º e art. 129, § 2º do Decreto 9.199/2017¹⁷ como acontecem quase com todos os estrangeiros no Brasil.

A partir desse momento já podem efetuar as suas devidas matrículas de acordo com as normas de funcionamento da Unilab, depois de feitas as matrículas começa o processo de solicitação dos auxílios: moradia e alimentação lembrando que não podem ter mais do que isso. Poderia ser incluído auxílio do transporte, mas os estudantes internacionais são aconselhados pelos responsáveis da assistência estudantil para morarem no São Francisco devido a falta do auxílio de transporte isso, faz com que todos os estudantes africanos da Unilab arrendam as casas em São Francisco. Sendo os outros municípios vizinhos como Candeias, Santo Amaro e Madre de Deus ficam alguns quilômetros do São Francisco.

Por outro lado, a permanência dos estudantes africanos na cidade facilita as suas participações extra na faculdade e diminui o custo de transporte. Isso porque, os auxílios que recebem de moradia e alimentação não chegam quase para nada. Quando chega o final do mês se sair o auxílio nas suas contas cada estudante procura economizar o seu dinheiro de maneira possível até o próximo mês. Estes auxílios de R\$ 530.00 (quinhentos e trinta reais), que os estudantes usufruem dele um valor muito pequeno para pagar as contas: o aluguel das casas, a energia, a água, o internet e alimentação, etc. Tais situações gera muitas “polêmicas” entre os estudantes africanos e alguns estudantes brasileiros que não recebem auxílios alegando que africanos têm mais privilégios que eles.

Esses discursos são repetitivos no seio dos estudantes brasileiro/as algo que posso perceber através de meu grande amigo brasileiro estudante da Unilab, que aceita compartilhar informações abertamente sobre esse fato. Segundo ele este discurso é presente entre os

¹⁶Disponível: <<http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao>>. Acesso em: 28 Dez. 2018.

¹⁷Disponível: <<http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/cedula-de-identidade-de-estrangeiro>>. Acesso em: 28 Dez. 2018.

brasileiros alegando que os estudantes africanos estão ocupando suas vagas na faculdade além do mais, vivem do auxílio que alguns cidadãos brasileiros que estudam na faculdade não conseguem ganhar. Achem não é justo os africanos receberem auxílio e os brasileiros não, ou seja, porque são os dinheiros do imposto dos povos brasileiros a ser desperdiçados nos estudantes internacionais e para quem é o brasileiro não pode gozar desse direito.

Por outro lado, alguns estudantes brasileiros assim, como os moradores da cidade sentem-se incomodados com a forma como os estudantes internacionais vestem as roupas de marca, no imaginário destas pessoas estes estudantes africanos alguns são filhos de elite na África e se fingem de coitadinhos na Unilab a fim de poder usufruir dos auxílios. Ao longo da nossa pesquisa acabamos entender que é a falta do esclarecimento que levou este equívoco na mente das pessoas principalmente os moradores da cidade.

Nas sucessivas falas que obtivemos com os estudantes africanos demonstraram que os tênis, as roupas, os celulares, notebook e relógio, etc. que usam todas elas são caras aqui no mercado brasileiro, por isso, a maioria dos estudantes africanos não optam por fazer as suas compras no Brasil, sempre fazem questão de encomendar aos parentes, amigos, conhecidos ou novos estudantes que saem dos seus países de origem sendo, lá é mais barata. Por isso, para um cidadão brasileiro que conhece os preços de objetos usados no corpo como roupas e tênis da mesma marca que os africanos usam que custa muito dinheiro aqui no Brasil, logo passa pela mente dos brasileiros que os estudantes africanos têm dinheiro e não precisam dos auxílios conforme a explicação da estudante guineense.

Uma amiga brasileira veio a mim e disse você é chique viu! Logo percebi a fala dela e perguntei a ela por que você me chamou de chique? Ela respondeu, ah! Sei lá porque vejo você sempre com as roupas maravilhosa por isso, percebo que você deve ter uma família que tem muita grana porque essas roupas que vocês vestem aqui custa muito dinheiro, e nós brasileiras a maioria de nós não tem esse dinheiro para comprar as roupas. E respondi a ela, eu quando estava vindo para o Brasil o meu tio que mora em São Paulo me contou que as roupas são caras aqui no Brasil por isso, eu fiz esforço de comprar muitas roupas para não vier sentir falta aqui aí ela compreendeu, mas só que eu notei na cara dela que não estava convencida. Eu entendo isso porque, nós lá na Guiné-Bissau não temos as fabricas de roupas todos são importados de fora e para uma brasileira que vive no Brasil onde tem roupas fabricados dentro do seu território não é fácil entender isso, porque algumas roupas são da mesma marca. (Entrevista no dia 31 de jan. de 2019, com uma estudante guineense de ciências sociais).

Esse comportamento de alguns estudantes brasileiro da Unilab Campus dos Malês não passa de uma ignorância e a falta de procura das informações sobre os acordos assinados na área de Educação entre o Estado brasileiro e os países africanos: anglófonos, francófonos e da CPLP. Na verdade, não aprofundamos a nossa pesquisa para compreendermos qual é a

contrapartida, ou seja, o que o Estado brasileiro tem a ganhar com esses acordos. Além disso, até porque estas cooperações rubricadas nas áreas da educação não são novas, como por exemplo o caso do programa de estudantes-convênio de graduação (PEC-G) que perdurou décadas e a Unilab é uma das mais recentes cooperações na área de educação que o Brasil está tendo com os PALOP's criada no governo do ex-presidente da República Federativa do Brasil Luís Inácio Lula da Silva e anunciada pelo então ministro da educação Fernando Haddad, como explica a Mourão (2016).

Quando idealizada a sua criação, como um projeto em 2008, foi anunciada pelo então ministro da Educação, Fernando Haddad, como uma proposta de formação de pessoas aptas a contribuir para a integração do Brasil com os países da África, promover o desenvolvimento regional e intercâmbio cultural, científico e educacional da região. Instituída, em 2010, pela lei no 12.289, como Universidade Pública Federal, a Unilab surge então, tanto como uma alternativa de formação para os jovens da região [...], investir na interiorização do ensino, bem como no âmbito da cooperação internacional, sendo, além do PEC-G, mais uma opção de formação superior para os jovens de países dos PALOP e Integrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), (MOURÃO, 2016, p. 8).

O comportamento dos estudantes brasileiro sobre esta questão dos auxílios tem gerando certos distanciamentos entre brasileiros e africanos. Também durante a pesquisa podemos entender que é a falta de procurar as informações que explicam o porquê dos africanos recebem auxílios e alguns brasileiros não recebem. Outrora constatamos a falta de interesse em saber o motivo porque, existe documentos e vários livros que explicam os objetivos do acordo de cooperação Sul-Sul.

Por outro lado, num passado recente na cerimônia de formatura da segunda turma dos formados em bacharelado em Humanidades no dia 18 de Agosto de 2017. O mentor do projeto Unilab, presidente Lula no seu discurso no ato da entrega de diplomas aos formandos afirmou que: “O que Brasil está fazendo hoje com a África não é um favor, mas sim é uma dívida histórica que o Brasil tem com o povo da África e que está tentando pagar essa dívida histórica”. Por isso, os africanos merecem gozar desse direito.

Da mesma forma que Barboza (1992, p. 29-30) apud Leite, (2018, p. 42-43) considera que:

[...] Quando Nós temos, para mim, a vantagem, a glória de ser um país mestiço, acho que isso dá muita riqueza à civilização brasileira. O coeficiente africano para a formação da nossa nacionalidade foi enorme. Quando foi decretada a abolição da escravatura no Brasil, dois terços da nossa população era de negros escravos. Este país foi construído pelo braço negro, pelo braço do escravo negro. Ele foi feito no braço do escravo negro. Foi isso que construiu o Brasil. Nós temos uma dívida moral para com a África nesse sentido concluiu. (LEITE, 2018, p. 42-43).

Pegando na fala do presidente Lula e abordagem feita por Barboza, entretanto, vamos compreender o marco histórico na era da escravidão que muitos africanos foram acorrentados feito animal feroz e trazidos nos navios negreiro como escravos para o Brasil, e que deram as suas contribuições de forma involuntária para a construção da nação brasileira até hoje, estas marcas históricas está presente no dia-a-dia dos povos brasileiros, mas que está sendo rejeitadas nessa sociedade marcada pela discriminação racial contra o povo negro e afrodescendentes filhos e netos dos escravizados.

3.2 SITUAÇÃO DOS AUXÍLIOS

Conforme as conversas que tivemos com uma das técnicas responsáveis do Programa de assistência estudantil (Paes) explicou que o programa paes trabalha com cinco tipos de auxílios e com a exceção do auxílio emergencial¹⁸. Os estudantes africanos assim como para os brasileiros podem concorrer para escolher tipos de auxílio que pretendem nomeadamente: auxílios de transporte, alimentação, instalação, moradia, e social. Sendo que os brasileiros concorrem mais para auxílios de alimentação, moradia, social, instalação e de transporte é mais para os estudantes que moram longe do município enquanto que, para os africanos a demanda é mais para os auxílios de moradia e alimentação.

Segundo esta responsável explica que desde a abertura do Campus dos Malês o processo para a solicitação do pedido de auxílio é feita através do edital¹⁹ até momentos atuais. Para os africanos a partir de momento que o está vinculado com a Universidade, também ocorre series de documentação que vão comprovar que o estudante não está recebendo nenhuma bolsa por parte dos familiares. Ou seja, o estudante informa os valores da renda mensal de uma das suas famílias ou responsáveis para seu estudo e informar os valores gastos mensalmente na família: educação, alimentação, saúde, luz, água, internet e aluguel se a família não possuir a casa, etc. O processo dura alguns dias para serem aprovados ou não. Caso não o estudante tem direito de recorrer ao recurso para refazer uma outra nova solicitação do pedido de auxílio.

¹⁸ Emergencial é auxílio que existe para colmatar gastos emergencial por questão de saúde, medicação, cirurgia e nascimentos das crianças dos estudantes porém, Campus dos Malês tem por direito de solicitar este auxílio uma vez por mês e no Ceará três vezes por mês tendo em conta a demanda lá é maior. (numa possível conversa com responsável máxima do Paes na Unilab Campus dos Malês no dia 11/01/2019).

¹⁹Disponível: <<http://www.unilab.edu.br/noticias/2018/09/27/novo-edital-normatiza-os-processos-de-solicitacao-de-auxilios-do-programa-de-assistencia-ao-estudante-paes/>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

Nós estamos simplificando cada vez mais as documentações, nessa última edital a gente simplificou mais ainda. Então assim, o quê que acontece, antes nê existia o estudante precisava reconhecer em cartório nê, uma lei federal foi criada e suspende essa entrega de documentação eeh! Reconhecida em cartório que era impedimento. Porque o quê é que acontecia, não era a problema na Universidade nê, mas esse decreto foi de 17 de Julho de 2017, o decreto 9000/094 nê que eh! Dispensa o reconhecimento de firma em cartório das declarações apresentadas pelos candidatos ao paes nê, excepto conta do aluguel é único que a gente pede que deve ser reconhecido em cartório. Já a gente diminui a burocracias em relação aos alguns documentos. (Entrevista feita no dia 11/01/2019 com pessoal do programa da assistência estudantil).

Houve vários boatos alimentados por parte dos moradores da cidade alegando que os estudantes africanos recebem auxílios entre R\$ 3.000,000,00 a R\$ 4.000,000,00 por parte do governo brasileiro. E para Gusmão (2008, p. 14), considera que “africanos negros no Brasil são vistos por alguns brasileiros como sujeitos que se beneficiam por estarem no Brasil, benefícios que nem sempre identificam, mas percebem como existentes”.

Tais alegações impactou negativamente na vida dos estudantes principalmente nos mercadinhos onde fazem suas compras porque, a partir do momento que os comerciantes souberam dessas falsas informações houve aumentos de preços dos produtos na cidade, por isso, a maioria dos alunos não fazem as suas compras no município São Francisco do Conde, no entanto preferem viajar mais para as outras cidades mais próximas do São Francisco.

Houve aumento significativo de preço dos imóveis na cidade. Lembrando que os estudantes africanos antes de virem para o Brasil assinam um termo de responsabilidade financeira com os seus responsáveis pode ser da família ou conhecido assumindo que em cada mês vão enviar um valor de dinheiro para suportar os estudos dos seus encarregando, mas isso, não se verifica na maioria dos casos, há vários estudantes africanos da Unilab, que não recebem nenhum valor se quer por parte dos responsáveis financeiros.

Também por questão de precaução os estudantes africanos são informados com antecedência a fim de trazer dinheiro num valor mínimo de U\$ 400,00 (quatrocentos dólares americano), que servirão como dinheiro de bolso para se manterem no Brasil nos primeiros três meses além do mais, esse dinheiro vai servir para a feitura de algumas documentações. Algo que preocupa muito os técnicos do (PAES), juntamente com a Universidade, lembrando que os estudantes internacionais que foram selecionados pelo Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiro (PSEE) vinculados com a universidade que ganha auxílios e com visto de estudante temporário não podem trabalhar para ganhar dinheiro.

Aliás, porque com o visto de estudante de acordo com as normas do funcionamento da Unilab o estudante internacional não pode adquirir carteira do trabalho. Somente a partir do ano 2018, a polícia federal permitiu a carteira de trabalho aos estudantes internacionais da

Unilab. Mas durante a proibição de adquirir carteira do trabalho alguns estudantes africanos trabalhavam discretamente nos trabalhos informais ganhando seus dinheiros porque, viver de R\$ 5300.00 (quinhentos e trinta reais), na cidade onde tudo é caro segundo um estudante “as vezes os donos de mercadinho aumentam o preço de produto só porque você é africano é confundido com turista por isso, tem muito dinheiro”. De acordo com as pesquisas do Langa (2014), sobre a diáspora africana na cidade do Ceará explica que:

Os estudantes africanos integrados às universidades federais e estaduais, que constituem, de fato, a minoria, sobrevivem das bolsas do PEC-G e de outros convênios firmados entre o Brasil e seus países de origem. Já o segmento maior, que estuda em faculdades particulares, recebe dinheiro das famílias para pagar mensalidades e manter-se na faculdade, complementando a sua renda por meio de trabalhos clandestinos – em lojas e mercadinhos, salões de beleza, oficinas, fábricas e construções, restaurantes ou mesmo, nos estacionamentos de grandes shoppings centers e supermercados, ou, ainda, em “casas de família” como babás – para assim, garantir a sobrevivência e a própria locomoção na cidade (LANGA, 2014 p. 107)

Nota-se uma certa diferença nesse processo de documentação na solicitação do pedido de auxílio entre os estudantes brasileiros e africanos. Pelo visto anteriormente os brasileiros são mais exigidos nesse processo em relação aos africanos isso, faz com que muitos estudantes brasileiros que saem de outros Estado do Brasil para estudar na Unilab alguns não conseguem permanecer no Campus. Porém não conseguem receber auxílio devido grande quantidade de documentos exigidos no (PAES) que as vezes os estudantes têm de ir buscar nos seus Estados a maioria não conseguem retornar num espaço de curto tempo para pegar todas as documentações exigidas pois, a viagem de algumas dura dois dias ou mais. Além de isso, é ofertada poucas vagas do auxílio para os estudantes brasileiros. Essas vagas não conseguem atingir metade dos ingressantes em cada semestre.

No entanto, a Universidade juntamente com o sector do (PAES) criaram mecanismos para reduzir as demandas que muitas vezes condicionou a permanência dos estudantes brasileiros no Campus conforme explica o responsável do (PAES). Pois, ante a entrega da documentação para a solicitação dos auxílios era presencial que gerava muito custo para os estudantes brasileiros que tinha que imprimir todos os documentos necessários e levar para o setor do (PAES) de acordo com o horário de atendimento depois aguardar o resultado.

Hoje o estudante pode fazer em qualquer lugar, a inscrição dele nê, porque a inscrição é feita online, se tiver um familiar distante, familiar pode anexar esse documento no computador e enviar para o estudante sem precisar que o estudante gaste dinheiro com deslocamento, então essa reivindicação de que estavam com dificuldade com documentação isso está sendo minimizado, ainda não resolvemos, porque a gente ainda tem outras particularidades, mas em relação a essa documentos

a gente já avançou e diminuindo também o quantitativo de documentos apresentados pelos estudantes, nê, eu posso até ler pra você aqui quais são os documentos hoje que são eh! Necessário nê, para os estudantes brasileiros nê, que é o histórico escolar frente e verso a gente não vê isso como impedimento, um documento de identificação nê, que pode ser, a identidade, a carteira de habilitação, o passaporte, o eh! São os documentos de identificação do estudante nê, quem é menor de idade pode apresentar a certidão de nascimento nê, se o pai for falecido certidão de óbito ou a mãe caso faleceu certidão de óbito nê. Certidão de casamento quem for eh! Casado declaração de união estável nê, se for separado a ficha do certidão do casamento com averbação nê, do divórcio, uma conta de energia atualizada nê, algumas estudantes acabam anexando outros documentos. A gente pede a conta de energia, porque, da pra ver o endereço do estudante se é de zona rural, se é de zona urbana, a gente não pede o energia até alguns estudantes questionam, se para ver se a conta tá pago ou não, não é interessante a assistência estudantil a gente olha só o endereço, e fica muito mais fácil nessa conta porque, não há conta do celular não há conta do cartão do credito então, esse é o documento que a gente exige nê. (Entrevista com a responsável do paes no dia 11/01/2019).

Segundo (PAES) no início dos anos 2015 os estudantes africanos chegavam e moravam no hotel durante três meses até receberem auxílio existia uma ultimamente existe certas mudanças no que tange ao custo que a Universidade através do governo federal gastava para os estudantes africanos que moravam na pensão e/ou hotel com a criação do a estadia dos estuda

Na visão da Gusmão (2006) argumenta que Ser estrangeiro no Brasil é legal”, “O povo brasileiro é receptivo”, “A sensação de ser estrangeiro pra mim é muito boa”, “O negro estrangeiro é mais respeitado que o negro brasileiro”, “Estrangeiro é mais valorizado”. Isso é uma das coisas que pude notar ao longo da minha pouca experiência aqui no Brasil, porém o povo brasileiro é muito mais acolhedor principalmente para as pessoas vindos de fora do que o seu parente brasileiro. Ainda nos argumentos da Gusmão quando aborda as vivências dos estudantes africanos nas algumas universidades brasileiras aponta um caso contraditória aos seus argumentos acima mencionados. Para ela, apesar de toda a valorização do estrangeiro, ele também sofre impedimentos no mercado de trabalho, já que, “na visão dos brasileiros, os estrangeiros vêm para tomar seus lugares”.

O mesmo assunto foi abordado por um estudante guineense de 29 anos de idade do curso das ciências sociais. Para este estudante no entender de muitos cidadãos na cidade dizem que os estudantes africanos vieram aqui para ocupar e roubar os lugares dos seus filhos nas Universidades e em alguns postos de serviços e por cima de tudo têm direitos que muitos dos cidadãos brasileiros (as) não gozam. Todavia percebemos que é a falta de informação que muitos moradores da cidade tinham sobre a presença dos africanos.

3.3 SITUAÇÃO DO RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DA UNILAB

O Restaurante Universitário (RU) foi criado para facilitar os professores, técnicos, estudantes e assistentes do campus no acesso a comida, coisa que os primeiros estudantes não tinham depararam com a falta do RU sem falar do (a) nutricionista.

Os primeiros momentos da Unilab, não existia RU cada um fazia a comida na sua casa. A maioria que não conseguia cozinhar são obrigados a comprar comida nos restaurantes espalhados por toda parte da cidade, como disse uma das primeiras meninas africanas estudante da Unilab de 27 anos de idade do curso das ciências sociais de nacionalidade angolana. Ela que foi um adas primeiras estudantes africanas a chegar o município São Francisco do Conde explica que: quando não tinha o RU era muito difícil porque, os estudantes vinham de manhã para a Unilab e depois teve que voltar a tarde para as suas casas, a fim de preparar a comida ou ficava o dia toda em casa.

Também não havia lanchonetes por perto da Universidade, que poderia minimizar as dificuldades dos estudantes na altura. Como acontece atualmente existe alguns vendedores ambulantes de lanchonetes arredor da Unilab Campus dos Malês. Até mesmo dentro do recinto da universidade, as pessoas vendem lanche que outrora ajuda alguns estudantes e professores quando a comida do RU não está boa, ou se os usuários do RU chegar depois que acabar a comida aproveitam desses lanches vendidos dentro do recinto da Universidade para mantarem a fome.

Ainda no entender desta estudante angolana de 27 anos de idade considera que “ após a criação do RU foi uma conquista para a família “unilabiana” porque ninguém precisa mais preocupar com fazer a comida pelo menos nos dias da semana já no final de semana todo mundo fica em casa com a exceção do almoço do dia sábado”.

Do mesmo modo que explica a estudante de 23 anos do curso das Relações Internacionais de nacionalidade são-tomense sobre o funcionamento do RU, mas numa outra perspectiva segundo ela antes não tinha RU a situação estava ruim para os estudantes, mas após a criação do RU as coisas se melhoraram, pois, minimizou as despesas que os estudantes faziam. Também explicou que não teve problemas com a comida baiana se adaptou facilmente.

Funcionamento do RU, ruim e agora tá piorando, com a fila, comida neh! Não é agradável, mas pronto é o que a gente tem, acho todos os dias eu me estresso nesse RU, o primeiro é a fila, e agora com esse negócio de colocar cinco em cinco que só atrasa mais ainda a pessoa, ao chegar na fila, hoje eu cheguei na fila era meio-dia e quinze, mas eu só sentei pra comer uma hora da tarde, por causa da fila tá péssimo,

tá. Comida baiana eu gosto tenho me adaptado, gosto, mas gostando por amor. (Entrevista com estudante de 23 anos de idade do curso das relações internacionais de nacionalidade são-tomense, dia 18 de jan. 2019).

Porém há um ditado em língua crioula da Guiné-Bissau que diz o seguinte: “*baka di purmeru ta bibi sempri bon yagu*²⁰”. Mas isso não foi caso com os primeiros estudantes porque, não conseguiram beber a “água limpa” pelo contrário houve muitas dificuldades alguns não tinham dinheiro para comprar a comida todos os dias num valor de R\$ 6,00 a R\$ 12.00, algo que abalou a vida cotidiano de muitos estudantes africanos na altura alguns até queriam voltar para os seus países.

Essas dificuldades com o passar do tempo a Universidade redobrou os esforços para minimizar as dificuldades que os estudantes africanos enfrentavam por não terem aonde comer, sendo assim, a Unilab assinou contrato com uma empresa que prepara comida para os usuários da faculdade num preço acessível para todo/as. Estudantes pagam R\$ 1,10 (um reais e dez centavos) por cada refeição professores e técnicos R\$ 3,00 (três reais) cada refeição. No entanto, mesmo com a abertura do RU para minimizar as dificuldades dos alunos a situação continuava pior pois, a comida que se preparava para comer não é de agrados dos usuários principalmente os estudantes africanos que não habituavam comer a comida baiana. O mesmo aconteceu com um dos estudantes africanos entrevistados por Tcham, (2012), “a África fora de casa” afirmou que:

[...] “eu lembro no começo, na hora de almoço, no restaurante universitário, era horrível, eu não tinha hábito de comer feijão todos os dias como aqui, mas tive que me acostumar e me deparei também com problemas de adaptação, são coisas novas, lugar novo e novas pessoas” [...]. (TCHAM, 2012, p. 37-38).

Alguns comiam e passavam mal os estudantes que chegaram nos primeiros momentos de abertura da Unilab, não conseguiram “beber boa água” tudo era muito difícil. Como confirma um estudante da Guiné-Bissau. “Para ser cincerro eu até então já quase cinco anos, mas não estou acostumado com a comida baiana principalmente a comida feita no restaurante universitário”. Além deste estudante guineense existem vários outros estudantes africanos que não estão habituados a comer comida baiana, porém alguns deles já aprovaram vários tipos de comida: o caruru, vatapá, acarajé, abara, caldo de sururu entre outras. Cada vez que comem

²⁰ *baka di purmeru ta bibi sempri bon yagu*, significa a primeira vaca sempre bebe boa água ou seja água limpa.

desta comida é como se fosse algo novo, mas também dentre estes estudantes alguns já estão habituado e gostam da comida baiana.

Graças ao apoio da malograda prefeita do município São Francisco do Conde Rilza Valentim, que antes da sua morte tem apoiado muito os estudantes internacionais da Unilab, também lembrado que ela é uma das mentoras do projeto da Unilab. A cidade São do Francisco Conde conta hoje com uma universidade pública Federal através de grande esforço que ficou na memória de alguns São Franciscanos pois, um benefício para os povos negros, indígenas e quilombolas da comunidade e dos municípios arredores que não tinha a oportunidade de receber formação superior além do mais, o crescimento sócio econômico na cidade.

3.4 RELACIONAMENTOS COM OS PROFESSORES E OS ESTUDANTES BRASILEIRO (AS)

De acordo com as minhas vivências em África, e com o pouco tempo aqui no Brasil, pude notar que mesmo entre os africanos de diferentes países, estudantes da Unilab Campus dos Malês há uma certa “reserva” entre si. Ou seja, considerando as diversidades culturais de cada país cada um tenta viver de acordo com a sua realidade, porém, não é isso que acontece muitas das vezes.

Para alguns estudantes brasileiros disseram que os africanos são muito mais “fechados” com relação aos brasileiros que muitas das vezes reclamam a falta de interação dos africanos principalmente nos primeiros dias de aula. Para alguns estudantes africanos os olhares de alguns estudantes brasileiro (as) na sala de aula não é um olhar simples dá para perceber que existe alguma coisa por detrás conforme explica Gusmão, (2006), numa entrevista com uma estudante de Angola na UFMG.

Segundo a estudante angolana da UFMG, “A primeira coisa que me vem à mente é o olhar que te é dirigido muitas das vezes em sala de aula. Não é nada palpável. É muito sutil. Não é aquilo de chegar e dizer que você não é da mesma cultura, você não é da mesma raça. (...) aqui a discriminação é muito sutil. É do tipo que à frente te ofereço um sorriso e atrás te espeto um facão. É bem nesse estilo”. (GUSMÃO, 2006, p. 53-54).

Dada a esse fato recorreremos junto dos estudantes africanos, brasileiros e professores para saber os motivos que nortearam esses acontecimentos. Mas no caso de um estudante das relações internacionais de nacionalidade cabo-verdiana de 28 anos de idade é diferente de

muitos outros estudantes africanos sempre teve boas relações com os professores africanos, brasileiros e dos estudantes dos dois continentes.

A minha relação com os professores tanto brasileiros como os africanos é bom, tenho amigos professores tanto africanos, tenho professores e professoras nê, brasileiros que são amigos próximo que a gente fala muito troca dialoga, tem professores africanos também que são amigos a gente troca muita coisa aprende muita coisa com eles mesmo, principalmente os africanos que me mostram as coisas que tipo as vezes eu não penso eles me mostram, sempre me instigam a pensar muito mais além do que eu penso então eu tenho uma relação muito boa com eles (numa entrevista no dia 14/012019, com um dos primeiros estudante da Unilab do 5º semestre das relações internacionais, de nacionalidade cabo-verdiana).

Dada a essas ocorrências do racismo perverso contra os negros em todos os Estados do Brasil ao longo de muitos anos, mexeu dolorosamente na vida dos estudantes africanos logo nos seus primeiros momentos no Brasil isso porque, de acordo com a explicação da Gusmão, (2008, p. 15), [...] aos olhos da sociedade brasileira, os africanos vindos para o Brasil, são vistos como “geração perigosas”. É de ressaltar que o racismo vivido aqui no Brasil não é o cotidiano na África. Aliás, as pessoas já nascem negras e sabem que são negras e ninguém precisa chama-lo de negro (a) ou de africano.

O que é verificado nas sociedades africanas são os “conflitos” étnicos entre pessoas de diferentes etnias e não pela discriminação racial como por exemplo uma etnia pode atribuir um nome de forma pejorativa a uma outra etnia como aconteceu com a etnia *Balanta*²¹ um grupo étnico majoritário na Guiné-Bissau que foi denominado vários tipos de nomes pejorativas.

Segundo SIA (2017, p. 27), o nome *Balanta* surgiu no momento em que este se recusa a submeter ao jugo do povo *Mandinga*²²; em *Mandinga* o termo é *Abalantó* que significa: os que não se submetem; os que se recusam a ser subjugados; rebeldes. Também o mesmo acontece com os emigrantes guineenses radicados em Cabo-Verde que são chamados de *Mandjakus*²³ porque, estes são os primeiros a se imigrarem para o Cabo-Verde por isso, todos os guineenses ou africanos em geral que lá estão são chamados de *Mandjakus* como explica o Mourão, (2014, p. 83), que os cabo-verdiano (as) têm preconceitos com os seus irmãos

²¹ Balanta é um grupo étnico majoritariamente na Guiné-Bissau, chamados por outro grupo étnico de Abalantó, mas cujo nome Brassa denominado no sei seio.

²² Mandinga é um grupo étnico na Guiné-Bissau, provenientes do Império de Mali e dominada pela religião islâmica.

²³ Mandjaku é um grupo étnico na Guiné-Bissau.

africanos do continente, imigrantes em Cabo-Verde, chamados pejorativamente de “Mandjakus”, nome de uma das etnias na Guiné-Bissau.

Algo do tipo é bem diferente de aquilo que acontece aqui no Brasil, no entender dos estudantes africanos são tratados discriminadamente tendo em conta as suas tonalidades de pele e são vistos como o “outro”.

3.5 RELACIONAMENTO COM LÉSBICA, GAY, BISSEXUAIS E TRAVESTIS²⁴ (LGBT)

Brasil é um dos países no mundo que permite o casamento das pessoas do mesmo sexo desde o dia 14 de Maio de 2013, através de uma publicação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que garante aos casais do mesmo sexo a se casarem no civil pois, desde Maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconhecia esta pratica como a união entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar. Brasil a par da Inglaterra, França, País de Gales em todo o seu território reconhecem este tipo de casamento. Também em certas áreas dos Estados Unidos de América.

Não só esses países acima mencionados que permitem o casamento das pessoas do mesmo sexo, mas sim, existem mais de 17 países no mundo que aceita esse tipo do casamento. Atualmente o número está se aumentando cada vez mais devido a permissão de alguns estados, coisa que outrora era tabu nos olhos da sociedade, mas agora está se tornando algo que a sociedade talvez tenha começado a aceitar²⁵. Apesar do Brasil ter reconhecido o casamento das pessoas do mesmo sexo, também configura no ranking dos piores países que não respeitam direitos dos homossexuais, ou seja, onde morem mais gays anualmente obtendo assim a posição 55 do ranking²⁶ mundial no ano 2017.

Porém as práticas do casamento de homossexuais têm poucas visibilidades na África principalmente nos Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa os PALOP's.

O que podemos considerar de existentes nestes países são as práticas em si não os casamentos, mas acontecem numa forma discreta pois, ainda não é permitido o casamento das pessoas da LGBT. Isso faz com que muitos dos estudantes africanos que chegaram no Brasil

²⁴ Travestis é o termo usado para caracterizar a pessoa cujo transplante no seu corpo ou seja, uma expressão de gênero biológico diferente daquilo que a sociedade atribui ao indivíduo no seu nascimento. Optamos por esse termo travestis pois, existe outra forma de expressão: Transexuais ou Transgêneros.

²⁵ Disponível: <<https://top10mais.org/top-10-paises-com-maior-populacao-gay-do-mundo>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

²⁶ Disponível: <https://spartacus.gayguide.travel/blog/spartacus-gay-travel-index-2018>>. Acesso em 08 jan. 2019.

no mês de Abril do ano 2014, ficaram um pouco estranhados com essa realidade presente no Brasil ao verem relacionamento das pessoas do mesmo sexo algo que viram somente de longe pela TV e nas redes sociais etc. Segundo um estudante guineense numa conversa particular antes de iniciarmos as nossas entrevistas afirmou que pela primeira vez na sua vida encontrou pessoas do mesmo sexo a trocarem salivas algo que para ele é inacreditável nunca imaginava que um dia vivenciaria algo do tipo.

Era estranho para mim ver aquilo aqui pela primeira vez porque, desde Bissau e nunca na minha vida vi homem com homem e mulher com mulher num relacionamento amoroso entende, mas aqui é muito normal, claro que respeito as diversidades culturais a verdade que aquilo me incomodava muito. Mas acabei me adaptando com a realidade e acostumando com essas novas experiência que o destino trouxe para mim” concluiu. (Numa conversa particular com estudante da Guiné-Bissau 13 Nov. 2018).

Nota-se que esta percepção não só nos estudantes africanos, mas também nos estudantes brasileiros que têm nas suas mentes essa concepção tendo em conta o que as pessoas são ensinadas desde a infância sobre as orientações sexuais o mais comum o homem deve casar com a mulher, as cores das roupas, a forma de vestir do homem e da mulher.

Em cada sociedade existe práticas diferentes do outro quanto mais se fala de dois continentes distantes divididos por oceano no meio e de diversas culturas no seu torno, além disso, dentro da África existem diversidades culturais dos grupos étnicos que compõem a sociedade africana para tal, muita das vezes complica a inserção de qualquer que seja pessoa ao sair de um determinado grupo para outro como é o caso dos estudantes africanos nas suas aventuras fora do continente.

Tais experiências fora do país pelo contrário um pouco diferente de Cabo-Verde e Moçambique, segundo os estudantes destes mesmos países, o estudante cabo-verdiano de 28 anos de idade afirma que o seu primeiro contato com as pessoas da LGBT foi em Cabo-Verde, mas tinha aqueles olhares preconceituoso contra os gays, enquanto que para o estudante moçambicano de 24 anos de idade considera esta experiência como algo muito novo na sua vida.

Em Cabo-Verde eu já tinha conhecimento nê, de alguns grupinhos, de pessoa da comunidade LGBT principalmente, no carnaval tinham um espaço que eles fazem ensaio de carnaval aí, lá eles reuniam a comunidade LGBT, aí eu sabia, mas tipo não tinha uma relação na mente de falar e tal, até olhava eles com aqueles olhares preconceituoso não, longe de mim, você vai me querer tal e tal. Mas chegando aqui começando na sala de aula, teve um pouco de resistência também assim ah! Olhava assim aquele olhar, mas depois aos poucos quando comecei a entender o processo, quando eles conversam com você o quê é que são! O que é que é! E tal então,

começo a ter o conhecimento mais aprofundado aí comecei a mudar a minha percepção de olhar, que hoje tipo, eu vejo eles, tipo, não me sinto, não vejo nenhum olhar preconceituoso eu consigo já consigo conviver com eles direto a gente senta, faz qualquer coisa, mas antes era difícil não conseguia pra sentar assim, num diálogo, era mais difícil pra gente, a gente não tinha esse diálogo, dentro daquela visão que a sociedade passa ah! Homem é homem, porque namora homem e mulher, e mulher com homem então não tinha aquela ih! Orientação sexual de personalidade diferentes, orientação diferente, aí eu não tinha esse conhecimento isso já era o que privatizava muito (numa entrevista com estudante cabo-verdiano de curso das relações internacionais. Entrevista feita no dia, 14 jan. 2019).

Ao tentar analisar o depoimento deste estudante cabo-verdiano percebemos que não é a questão da homofobia dos africanos, como é veiculado várias vezes em alguns discursos nos corredores da Universidade. Mas sim, é a falta de entender o processo da sexualidade. Alguns nunca tiveram tanta afetividade com as pessoas da LGBT nos seus países de origem. Nota-se também que, os africanos estão habituados ainda na concepção de que as pessoas do mesmo sexo não devem ter relações amorosas. No entanto, a Unilab é um espaço que permite os diálogos que possam ajudar a compreender este processo.

Por outro lado, para o estudante moçambicano de 24 anos de idade, ele viveu a sua experiência de maneira diferente do estudante cabo-verdiano, segundo ele.

Esta questão de relacionamento com as pessoas eh! da LGBT foi uma coisa muito nova pra mim, uma coisa que eu tive que desconstruir eu vou ser bem cincerro é uma coisa que, na minha cultura donde eu vinho é uma coisa muito fechada, não se fala sobre ih! a gente não é educado a falar sobre isso, não é educado também a lidar com essa diversidades todos os dias eventualmente a gente encontrava em Maputo em Moçambique lá, um dia a outro eram casos muito raros, e aqui tá fazendo parte do meu dia-a-dia então, é uma coisa que tive que aprender lidar, sobre em cima de preconceitos porque, eu falava uma coisa é revelado de um jeito e por ser revelado desse jeito eu tive que me as vezes me fechar, me calar a esse debate, mas eu fui me, apropriando no sentido de que eu não entendia de que eu tinha que respeitar o espaço, essa era um dos princípios e aí eu acabei que ter essa relação. Agora que me desconstruí criei uma relação muito boa, comecei a entender de dentro que era de fato, eu conhecia de fora, mas agora estou a conhecer de dentro e isso ajudou bastante. (Entrevista com estudante moçambicano de 24 anos de idades do curso das Relações Internacionais no dia 25 jan. 2019).

Há certas práticas que funcionam numa sociedade e é achado como normal, mas que é de estranheza para outra sociedade. Porém, os alunos africanos nos seus países é comum e muito normal dois homens tanto, quanto as mulheres andando pelas ruas de mãos dadas. Algo que aqui no Brasil é mais visto para as pessoas da LGBT.

Conforme os relatos dos estudantes muitas das vezes foram confundidos com gays ou lésbicas. Essas diferenças criam um pouco de limitação para os estudantes que têm amigos íntimos que gostam de andar de mãos dadas. Para o estudante guineense explica que já sofreu

bullying na cidade por várias vezes. E lembrou de um episódio uma vez com um adolescente que gritava na rua “você angolanos são bichos” aí acabou por lembrar que alguma vez ouviu os gays chamando uns aos outros de “bicha”. Portanto a nossa pesquisa levou-nos a perceber que existe realidades diferentes mesmo sendo o Brasil e os países africanos tiveram um marco histórico com algumas semelhanças culturais não impede constatar certas particularidades.

4 INSERÇÃO DOS ALUNOS AFRICANOS FORA DA UNILAB

A vivência do dia-a-dia dos estudantes africanos na cidade São Francisco do Conde com os comportamentos dos moradores da cidade tem estranhado muito os alunos internacionais desde as suas chegadas no município. Conforme o Bento, (2016) explica no seu trabalho de conclusão de curso de bacharelado em humanidades sobre o estranhamento dos estudantes africanos na cidade São Francisco do Conde Tais fatos merecerão destaque ao longo de todo esse capítulo através, das falas dos primeiros estudantes africanos na Unilab Campus dos Malês.

Com a chegada dos africanos na cidade algo que para muitos cidadãos do município não esperavam pois, não houve uma campanha de sensibilização que antecederesse a chegada dos estudantes dos PALOP's. Além do mais, a cidade é pequena e não está preparada em termos logísticos para receber um número significativo de pessoas vindas de fora. Segundo argumentos da Bento, (2016, p. 29), explica que: “O município não estava preparado, em termos de infraestrutura, para receber um número grande de moradores vindos de fora, mesmo morando em grupo de dois ou mais pessoas”.

Isso causou enormes dificuldades na vida dos alunos africanos conforme explica um dos entrevistados por Tcham, (2012) confirma que: “a maior dificuldade aqui para mim foi encontrar e negociar a casa para morar, porque aqui não conhecemos ninguém e os proprietários não confiam na gente, eles exigem coisas demais, talvez para não dizer não, assim na tua cara”.

Por outro lado, a Universidade por sua vez não criou condições logísticas dentro da academia para acomodar os estudantes internacionais, no entanto, são obrigados a morar durante três meses na pausa e ao longo desse período moram sob a responsabilidade da Universidade através do governo federal a entidade que custeia algumas despesas até quando os estudantes saírem da pausada. Ao saírem da pausada cada estudante define com quem vai

partilhar casa ou quarto tendo em conta a escassez de casas na cidade para morar, isso, obrigava muitos dos estudantes a morarem até 6 pessoas numa casa de 3 quartos.

Na altura para um estudante africano conseguir arrendar uma casa na cidade era um “bicho-de-sete-cabeças” ninguém queria deixar a sua casa ser arrendado por africanos devido ao preconceito que os povos São Franciscanos têm contra os africanos. Algumas donas de casa aumentam o preço do aluguel só porque não querem que os africanos morassem nas suas casas. Segundo Gusmão, (2016), outros pensa só pelo fato de os africanos saírem dos seus países para estudar no Brasil são turistas e aproveitam dessas ocasiões para aumentar os preços dos imóveis. Também outra razão que condiciona os estudantes africanos de conseguirem casas para arrendar conforme explica alguns estudantes da Unilab, no Ceará que as donas de casas acham que os africanos são muito barulhentos.

Os estudantes argumentam que por serem vistos como estrangeiros “as pessoas acham que eles têm muito dinheiro e aumentam o valor dos aluguéis”, todavia são constantemente tratados de forma “desqualificada e discriminatória”, como se não pudessem pagar, ou viver de forma respeitosa com os vizinhos, sendo frequentemente acusados de provocar confusão e barulho na cidade (GUSMÃO, 2016, p. 10).

Com a escassez de imóveis na cidade e pelos preços exorbitantes dos aluguéis a melhor solução para os estudantes internacionais é de morarem juntas em grupo de 3 a 6 pessoas numa casa e partilhar cômodos a fim de poder economizar um pouco de dinheiro que recebem por parte do governo brasileiro um valor muito pequeno que não chegaria para quem pretende morar numa casa sozinha. É claro que numa casa onde tem muitas pessoas é inevitável acontecer barulhos principalmente quando se fala de grupo dos jovens de diferentes realidades, mas é algo que incomoda muito os proprietários das casas de não querer alugar as suas casas, por isso, aumentam preços que é para impedirem os alunos de morarem nas suas casas. Na lógica os altos preços estipulados por donos dos imóveis não correspondem com as condições criadas nessas casas, algumas casas não têm tetos, não têm portas nos quartos, sem água filtrada para beber e ainda por cima de tudo, outras casas quando chega na época chuvosa humidade toma a conta dos quartos e estragava alguns imobiliários que os estudantes tinham dentro da casa. Nota-se também a falta de manutenção das casas, no que diz respeito as pinturas, as lâmpadas fundidas e a falta de recuperação dos objetos quebrado dentro da casa. Mesmo com essas péssimas condições os estudantes africanos e brasileiros das outras cidades arriscam e moram nessas casas porque, não têm outras escolhas melhores. Para tais

acontecimentos, entrevistamos alguns estudantes de diferentes nacionalidades que explicaram os seguintes:

Para uma estudante de 37 anos de idade de nacionalidade brasileira do curso da pedagogia proveniente do Rio de Janeiro considera que sempre foi difícil achar casa na cidade em vários sentidos para ela “nunca tinha casa”, as casas que tem aqui na cidade são muito ruins, muito húmida, muito mofada a maioria das casas não tem foro, e as pessoas donas de casa aumentaram muito os alugueis de casa depois que os estudantes vieram para o São Francisco.

Eu morei numa casa aqui em frente, o pessoal disse que antigamente antes da Unilab o aluguel de uma casa de um quarto com a cozinha e o banheiro “quitinete” era tipo R\$ 150,00 à 200,00, mas a pouco tempo atrás eu morei nesse tipo de casa e pagava R\$ 350,00 e ainda eu tenho que pagar luz e água”. (Entrevista com estudante brasileira de 37 anos de idade do curso da Pedagogia).

Lembrando que esse preço foi nos anos 2014 ao final de 2015, que os estudantes encontravam casas nesse preço, pois, atualmente com o crescimento da Universidade em termos de números de pessoas, as sucessivas chegadas dos estudantes africanos e brasileiros das outras cidades no município São Francisco do Conde as casas ficam mais cara. Os preços variam entre R\$ 400,00 à R\$ 450,00 para uma casa de dois quartos e de R\$ 500,00 à R\$ 600,00 para as casas de três quartos, mas com a exceção das contas da energia e água para banho e cozinha pois, não serve para beber porque, quase todas estas casas aqui na cidade não têm filtro nas torneiras e sendo assim, a água não dá para o consumo das pessoas e são obrigados a comprar água fornecida pelas empresas Brasil Gás. Ainda por cima de tudo, com estas péssimas condições de água para os seres humanos cada mês as contas da água vêm muito alto.

O grupo dos primeiros estudantes africanos na cidade tiveram imensas dificuldades para encontrar casa, muitas das vezes era preciso encontrar o intermediário brasileiro na cidade que facilitava na negociação, mas se for somente os estudantes africanos era mais difícil de conseguir uma casa até porque outros alunos africanos conseguiam alugar casa através dos colegas da igreja.

A gente conseguiu uma casa através de um intermediário do pessoal que era da igreja dos meus colegas, que elas frequentavam a igreja Batista. E aí, umas pessoas indicaram a casa aí, elas falaram de casa, foi eu e Gerson, tem mais um colega a gente foi falar com a dona de casa e as meninas foram com a gente aí, as meninas ficaram não sei o que houve lá não conseguiram desenrolar com a dona, dona ficou bem brava falou não, não vou alugar casa pra vocês e tal, aí depois eu saí falei bom! Vou na dona de casa do Gerson aí, eu fui com o Gerson fui falar com a dona ela foi

super. Compreensível ela falou nah, então ah! tá bom vou alugar casa aí, ela decidiu a lugar casa pra mim. Depois eu fui ajudar os colegas da Guiné que chegaram comigo pra alugar casa aí o pessoal tá falando pra senhora aí senhora falou o preço aí eu falei tá caro, esse preço tá muito caro ela falou não, não estou a falar com você, tô falando com os “angolanos” eu falei, eu falei com os meninos em crioulo aí, quando falei ela falou ah! Você é um deles nê? Aí foi passando nê! Então as vezes, muitas das vezes eu passo disfarçado pela pigmentação da pele, mas quando eu falo, aí as pessoas olham que eu não sou de aqui as vezes eles falam que vê através de vestuário e tal. (Entrevista no dia 14 jan. 2019, estudante cabo-verdiano do curso de relações internacionais).

A pesar de todo esse processo de procurar casa para morar era muito difícil para alguns estudantes, mas alguns conseguiam com facilidade, no entanto, isso era só o começo do processo pois, mesmo morando durante mais de um ano na casa a dona de casa fica sempre com desconfiança dos estudantes além do mais, os alunos africanos ficam sempre limitados nas casas mesmo estando num momento de lazer ou de confraternização com colegas não podem colocar som da música alta é motivo de chamar a polícia porque, no entendimento dos moradores da cidade os africanos são associados como povos barulhentos, mas para um morador da casa ou vizinho que não é o africano é vista como normal.

Numa conversa particular obtida com um dos estudantes morador da cidade, na Baixa Fria, o bairro mais próximo da Unilab afirmou que para os brasileiros moradores da cidade, os barulhos da música que eles fazem nos finais de semana até nos dias de semana não permitia para quem é estudante de estudar mesmo estando dentro do quarto não adianta fechar todas as portas da casa porque, o som era alto demais. Mas nunca as donas de casa e nem outros vizinhos chamaram a polícia, mas quando é um africano a polícia é chamada. Segundo este mesmo estudante muita das vezes deixava a sua casa nos finais de semana para estudar na Unilab devido barulho de música dos bares que zoava.

Relacionamentos dos estudantes com as donas de casas nem sempre são bons, principalmente quando chega o final do mês e houver demora de alguns dias por parte dos alunos nos pagamentos das suas rendas. Sendo que a maioria destes estudantes africanos sobrevivem dos auxílios que sempre sai entre os dias 7 e 10 de cada mês. Mas também é do conhecimento dos proprietários das casas nos atos da assinatura do contrato que os auxílios não entram nas contas dos alunos nos primeiros dias de cada mês, mas mesmo assim fazem cobranças ilícitas. Esse comportamento levou-nos a compreender o racismo vivido aqui no Brasil pelas pessoas da pele mais clara contra os negros principalmente os africanos e a cidade São Francisco do Conde não fugiu dessa realidade. As pessoas negras no Brasil são associadas a todo tipo de banditismo: é quem não paga aluguel, que não pode cuidar bem da

casa onde mora um dia ou da outra pode quebrar a casa toda, o estuprador, o assaltante do shopping center, entre outras formar preconceituosa de associar os negros, etc.

A inserção de alunos africanos na cidade São Francisco do Conde é um processo que varia de pessoa para pessoa no que concerne a forma de adaptação em termos climáticos, a culinária e a língua, porém destacamos dois momentos que marcou a vida de um estudante guineense de 29 anos que explica um episódio na sala de aula e outra numa das ruas da cidade. “Uma vez na sala de aula a professora comentou sobre um texto interessante e na sua fala disse que o texto era *bacana* logo tive sensação de que ela falou que o texto era menos importante”.

Essas variações linguísticas entre o português falado nos países dos PALOP’s e o português falado aqui no Brasil sobretudo na Bahia pude notar que alguns estudantes africanos já tinham contato com o português brasileiro através das telenovelas passada pela rede Record e isso facilitou alguns estudantes nas suas inserções no Brasil. O segundo episódio que marcou este mesmo estudante guineense foi quando estava na calçada pedindo carona e apareceu um jovem no moto “falei carona para Unilab, e me respondeu *bora* e aí eu percebi mal logo desci do moto e ele me perguntou então você não disse que vai para Unilab? Respondi sim, falou então eu disse para você vamos embora”.

Estas e entre outras são algo do tipo que atrapalha muito a comunicação entre os alunos africanos para com os brasileiros da cidade que de vez em quando reclamam que os africanos falam rápido e não conseguem perceber o português deles ou as vezes de uma forma preconceituosa tentam imitar a forma de falar dos guineenses quando falam crioulo. São Francisco do conde é uma das cidades com maiores números de pessoas negras declarada conforme apontam os dados da (IBGE, 2010), o mesmo foi abordado pela Bento, (2016) que explica como é difícil para as pessoas negras se auto afirmarem como negro para não serem associados com a história da selvageria e/ou escravidão.

O Brasil em seu discurso oficial de nação foi durante muito tempo considerado um país miscigenado. Por esse motivo nunca foi uma tarefa fácil saber quem são os negros do país. Ser negro no Brasil nunca foi motivo de orgulho para maior parte da sua população, e não é diferente para os munícipes de São Francisco do Conde, um município com quase 90% da sua população negra, e com uma história de escravidão muito forte e triste, se reconhecer como negro é para sua maioria relacionada a coisas consideráveis “negativos”, a exemplo de pobreza, prostituição, ser o outro e ter uma história em comum com o continente africano. (BENTO, 2016, p. 17).

Nota-se também a questão racial aqui no Brasil, é um caso complexo pois, muitas das vezes algumas pessoas aproveitam dessas ocasiões para um certo privilégio nas comunidades

onde estão inseridas a fim de beneficiar de certas oportunidades nas escolas, e do emprego que é destinado exclusivamente para os negros e indígenas. Por outro lado, aqui no Brasil, a pessoa tem que auto afirmar a sua identidade racial independentemente das suas origens um pouco diferente daquilo que acontece por exemplo nos Estados Unidos da América (E.U.A).

4.1 OS PRECONCEITOS BULLYING E O RACISMO VIVENCIADO NA CIDADE POR AFRICANOS

Os primeiros estudantes africanos que chegaram na cidade São Francisco, nunca imaginavam que poderia encontrar comportamentos estranhos dos moradores do município devido a marca histórica entre a África e o Brasil. Tais marcas perdurou durante V séculos, desde a era da colonização e do imperialismo portugueses com o destaque na denominada comércio triangular. Onde os colonialistas portugueses traziam da África dezenas e milhares de negros para serem escravizados em diferentes partes do mundo e o Brasil em particular.

Foram deixadas as marcas que até hoje se faz sentir no seio dos brasileiros, mas no caso específico dos São Franciscanos a maioria desconhece totalmente da terceira maior continente do mundo atrás do continente asiático e das Américas. A África é o 3º continente em extensão territorial, com 30 milhões de km², ocupando 20,3% da área total da Terra²⁷.

Os estudantes relatam que um dos incômodos sentidos por eles é a falta de conhecimento dos Sanfranciscanos dos países africanos, principalmente os PALOP, onde todos eles são conhecidos e chamados na rua de angolanos e angolanas. Isso é muito chato diz um estudante da Guiné Bissau. Os munícipes não conhecem os países africanos, África para eles é só Angola, se não é angolano logo é africano, e nunca te chamam com o verdadeiro nome da sua nacionalidade. (BENTO, 2016, p. 33).

Conforme os relatos dos estudantes e os resultados da nossa pesquisa percebemos que existe uma ignorância do povo brasileiro de não querer e/ou interessar em estudar e procurar saber um pouco da África. Até data presente alguns moradores do município São Francisco do Conde não conseguem distinguir um continente com o país. Pois nos seus intendentos a África é um país só sendo Angola como o capital da África.

Tais percepções se dá devido a grande produção do petróleo nos últimos anos principalmente no mandato do então presidente de Angola José Eduardo dos Santos. Por outro

²⁷ Disponível: <<https://www.todamateria.com.br/aspectos-gerais-da-africa/>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

lado, devido a grande fluxo emigratória dos brasileiros para Angola atraídos por fortes mão-de-obra que se sentia na altura naquele país africano principalmente nas empresas de construção civil, mineração e agronegócio. Essas são uma das causas que levaram alguns brasileiros principalmente os São Franciscanos a pensarem que o capital da “África” é Angola e a África em si é um país só.

Durante a feitura do nosso trabalho através de levantamentos dos dados de plano do ensino do Ministério da Educação brasileira (MEC), entendemos que existe toda a possibilidade dos brasileiros (as) estudarem um pouco e entender sobre a África. Ainda bem, com a aprovação e a implementação da lei 10.639/03, a mais de uma década. A lei em questão torna obrigatoriamente os ensinamentos da cultura indígena e africana nas escolas brasileiras. Mas mesmo assim, ainda existe uma certa ignorância dos São Franciscanos de não procurar familiarizar com a história da África porque, para alguns é sinônimo de atraso outros ainda porque têm preconceito contra os africanos. Por tanto, não faz sentido perder tempo para estudar e conhecer um pouco da África. Na perspectiva da Bento, (2016), argumenta que:

Mesmo com a aprovação da Lei 10.639\03, nos mais de dez anos de existência, que torna obrigatório o ensino da história e cultura da África no Brasil, os Sanfranciscanos ainda continuam com um desconhecimento do continente. Uma das hipóteses para esse problema pode estar na própria Lei, porque já se passaram 13 anos desde a sua aprovação, porém ainda não gerou os efeitos desejados na dimensão que esse problema tem. No que pude observar e nas conversas com os moradores do município, as escolas até hoje não ensinam sobre história de África para os seus alunos de forma crítica sem afirmar estereótipos, o que se dá por falta de conhecimento dos próprios professores e coordenadores. (BENTO, 2016, P. 33).

Dada a essa falta de interesse em conhecer um pouco de história da África juntando com o preconceito racial existente desde a construção da sociedade brasileira até nos momentos atuais. Em particular a discriminação dos moradores da cidade contra os africanos, parece algo inacreditável, mas aconteceu no dia-a-dia dos alunos principalmente a forma como os primeiros estudantes são questionados sobre a África: de dormir em cima da árvore, de conviver com animais ferozes da selva, se a pessoa veio andando de pé desde a África até chegar aqui no Brasil, etc. Para alguns estudantes entrevistados por Mourão, (2016), explicam que:

Alguns estudantes relataram que ao serem identificados como “africanos” pela aparência (roupas, cabelos, cor da pele), ou pelos diferentes sotaques, são automaticamente tratados sem diferenciação. São ainda questionados “sobre dormir em árvores, da existência de animais selvagens onde moram, de carros e celulares em seus países”, tratados ora com exotismo, ora como pessoas desqualificadas, ou capacitadas, que precisam de ajuda (na base da tutela), em razão de um suposto

atraso cultural e intelectual. De outra forma, eles também são discriminados ao serem confundidos com o “negro brasileiro”, podendo ser identificados como “bandidos”, igualmente situados em condição de subalternidade, revelando como a discriminação no Brasil estabelece-se em uma íntima relação entre raça e classe (e entre raça e gênero), por meio de marcadores sociais percebidos principalmente na corporalidade. (MOURÃO, 2016, p. 10; *apud* GOMES, 2002; FRY, 2005).

Quando falamos da questão do preconceito automaticamente entra a questão racial. Porém nessa questão os negros africanos sempre são postos nos últimos lugares da “hierarquia” racial, isso tem a ver com a consequência da história da escravidão que abalou quase toda a África. Também a forma como foi escrita por alguns historiadores eurocêntricos que argumentam o motivo dos africanos serem escravizados é devido as suas poucas capacidades de produção intelectuais, por isso, os africanos aqui no Brasil sofrem racismo das pessoas de pele mais clara além do mais, sofrem do preconceito dos negros brasileiros.

No entanto alguns africanos com tonalidade de pele mais clara sofrem menos preconceito com relação aos africanos de pele mais escura pois, são confundidos muitas das vezes com os negros brasileiros só é fácil reconhece-los a partir dos seus sotaques ou a forma de vestir. Para Mourão, (2016), alguns estudantes relataram que ao serem identificados como “africanos” pela aparência (roupas, cabelos, cor da pele), ou pelos diferentes sotaques, são automaticamente tratados sem diferenciação.

O universo de preconceito, discriminação e racismo atinge todos no Brasil e a essas falas fazem eco as vozes dos estudantes angolanos de Belo Horizonte e de guineenses e caboverdianos de Fortaleza. Diz um jovem de 20 anos de idade: “Ser negro no Brasil é muito difícil; só pelo fato de ter uma pele negra, as coisas da vida se tornam complicadas. Por exemplo o mercado de trabalho, embora o negro tenha capacidade, não lhe é dada oportunidade”. (GUSMÃO, 2006 p. 53).

O preconceito que se faz sentir no município São Francisco do Conde é muito doloroso para os africanos principalmente para os que nunca tinham sofrido preconceito nos seus países de origem algo que aborrecia muitos. Os olhares de moradores da cidade quando os estudantes passam pelas ruas da cidade, no carro, nos mercadinhos e nos shoppings, etc. da para perceber que existe alguma coisa por detrás, porque “não faltava muito para a pessoa chegar na sua cara e te dizer você é diferente da gente” afirmação de um estudante guineense de 24 anos de idade do curso das Relações Internacionais numa conversa particular não gravada.

Não faltava bullying contra os africanos da cidade conforme os relatos dos estudantes que mantiveram primeiro contato com os cidadãos do município. Estes estudantes saindo dos seus países com o destino ao Brasil tiveram que realizar uma longa viagem com escalas em

alguns países da África passando assim por aeroportos de Marrocos, Togo, Cabo-Verde, etc. para o Brasil, onde passam também em alguns estados nomeadamente São Paulo e Rio de Janeiro, percorrendo toda essa trajetória sem tomar banho.

Pois, é óbvio que a pessoa vai ter um cheiro desagradável ao ficar mais do que 24 horas sem tomar banho, mas o povo da cidade São Francisco do Conde, não acham assim, nos seus entenderes os africanos pela natureza cheiram catinga, no entanto não era comum encontrar um São Franciscano residente na cidade abraçando com os primeiros estudantes africanos daquela época. As vezes são abordados no meio do caminho para serem interrogados sobre a África como explica os estudantes a resposta frequente, ou seja, respondem de uma forma unanime.

Nós respondemos todos os dias quase as mesmas perguntas que esse povo fazia, principalmente as perguntas relacionadas com a fome, doença, miséria, guerra, transporte, etc. outrora as perguntas que eram feitas para nós ficávamos irritados com a falta de interesse em pesquisar sobre a África e o total desconhecimento, também descartávamos algumas perguntas que achamos de desnecessário. (Depoimento de uma estudante guineense no dia 5 out. 2018).

Para o estudante cabo-verdiano que chegou no primeiro grupo dos estudantes africanos da Unilab na cidade São Francisco do Conde afirmou que para falar do racismo vivenciado aqui no município São Francisco do Conde é um tema muito delicado. Quando analisa a sua chegada na cidade, considera que, mesmo os brasileiros das outras cidades assim como para os africanos sofreram preconceito e principalmente a questão da homofobia dos São Franciscanos.

Todos os estudantes aqui brasileiros das outras cidades como nós africanos já sofreu, aqui na cidade, porque, eles não nos aceitam nê, principalmente na questão da homofobia que a maioria das pessoas sofrem também a questão de saúde nos hospitais a gente não é muito tratado com boa dignidade enquanto africano quando eles veem que você é africano parece que te vê com olhar de desprezo te dá um tratamento desigual não igual que eles dão pra um nativos daqui, dentro da cidade era muito mais, muito mais difícil mesmo, o povo era muito mais racista, falando num sentido mais grosso. E a gente anda na rua as pessoas ficavam tipo você falava crioulo as pessoas ficam te remendendo, aí já pessoal passava no ônibus falando com a gente vai pra sua terra sua desgraça já fizeram tudo isso com a gente então, a gente sofreu muito a questão do racismo na cidade essa aqui é muito presente principalmente a xenofobia nê, porque eles têm aquele conceito de que tudo que vem de fora vem só pra roubar a vaga deles então eles nos olha sempre com esse olhar só que eles não pensam na parte boa da história tipo que a gente contribui colabora com outras coisas na cidade. (Entrevista com estudante de cabo-verde gravada no dia, 14 jan. 2019).

Não faltava perguntas frequentes e curiosidades por parte dos moradores da cidade em saber sobre a África, mas também algumas perguntas são de forma pejorativa e muitas das vezes os estudantes ficavam incomodados com as perguntas ridículas dos moradores da cidade conforme explica o estudante cabo-verdiano que considera essas perguntas de bestas e a falta de conhecer a história por parte dos São Franciscanos.

Cara as perguntas frequentes eh! Você dorme no mato? E, lá tem carro? Entendeu! E vocês vieram como pra cá? O que é que vocês vieram fazer aqui? Entendeu São essas perguntas que tipo, essa até o que vocês vieram fazer aqui? É uma coisa boa nê, mas aquelas perguntas do racismo mesmo, vocês dormem no mato? Lá tem carro? Essas são perguntas muito pejorativo porque, dificilmente entre ser humano pro sair e mais longe que você vá e pro mais distante que o ser humano é, você vai perguntar o ser humano se lá tem casas se ele mora na mata mesmo que não tem casa igual aqui os com domínio é casa mesmo de barro é casa, casa mesmo de palha é casa entendeu! Mas eles faziam aquelas perguntas são perguntas bestas mesmo. Aí fala você sai falar português, onde você aprendeu português? Você vê que isso é a questão de conhecer a história não conheceram a história então, são pergunta muito besta mesmo (entrevista com estudante de cabo-verde no dia, 14 jan. 2019).

Ultimamente acabaram por entender que a raiva nunca vai fazer os moradores da cidade de pararem de fazer as perguntas ignorantes, no entanto, resolveram criar paciência através de uma Associação dos Estudantes e Amigos de África (ASEA), para explicar o povo da cidade principalmente as crianças através das programações dessa associação cujo tema África em foco e saíam nas escolas para explicar os moradores sobre a África porque, a maioria não sabe que a África é um continente e dentro dela existe diferentes realidades. No entender da Bento, (2016), mesmo explicando aos moradores sobre a África alguns entendem, mas outros por questão mesmo do preconceito contra os povos africanos ou sabendo um pouco da realidade da África fazem por ignorância, por tanto, essa questão que ela considera que:

Porque, para muitos brasileiros, mesmo sabendo o que é África ou africanos nunca esperam um comportamento “civilizado” de um africano, porque por mais que eles tenham a informação sobre alguns países africanos, suas realidades e os modos de vida, ainda assim se comportam como se não fosse verdade tudo aquilo que aprenderam sobre África. (BENTO, 2016, P. 29).

Apesar da ignorância e pouco interesse dos moradores da cidade com relação ao continente africano os estudantes através da Associação dos Estudantes e Amigos de África (ASEA) sempre que podem fazem palestras nas escolas e em alguns pontos de referência na cidade para explicar as crianças, adolescentes, jovens, adultos e moradores da cidade para terem noção um pouco sobre a África.

No entanto, nem com isso, os cidadãos paravam de fazer questionários desnecessário e preconceituosas como por exemplo “você vieram de Angola ou da África? Você têm mãe e/ou pai? Onde você aprenderam usar celular? Você aprenderam usar as roupas aqui no Brasil ou no país de você? Onde você aprenderam falar a nossa língua “português”? Você dormiam aonde lá na terra de você? ” Entre outras perguntas ignorantes. Conforme a explicação da estudante de Angola.

Essas perguntas não são feitas somente pelas pessoas que você acha que não tem conhecimentos ou foram a escola ou que não terminou o ensino médio, mas também até mesmo os doutores, os médicos. Você vai para um consultório médico ou qualquer instituição para resolver algumas coisas, pessoas perguntando, a gente foi percebendo que é um problema do ensino no Brasil né? Que não passa porque agora tem a lei 10639, mas a lei não está tão em vigor, tão na prática né! Não passa a história afro-brasileira mesmo história africana e aí o povo não sabe nada de África o pouco que sabe, é o que é passado pela mídia miséria, doença tudo de ruim né! E aí as perguntas eram bem preconceituosas deixava tudo mundo pra baixo. Então coisas que tipo, eu nunca pensei que perguntariam para mim aqui no Brasil, mas tinha, a gente foi aprendendo lidar e desconstruindo isso né! Não ficar só triste e se revoltar, e se responder torto, mas fomos corremos atrás, dando palestras nas escolas e lugares tentar mostrar quem nós éramos né! Desconstruir aquele conhecimento que eles tinham totalmente errado de nós. (entrevista de uma estudante de 27 anos da nacionalidade angolana do curso das ciências sociais no dia 18 de jan. de 2019).

Com todas essas ocorrências durante o processo de inserção dos estudantes africanos na cidade São Francisco do conde dentro e fora da academia muito dos estudantes ficarem constrangidos com o comportamento dos moradores do município, devido a falta de segurança na cidade, os sucessivos assaltos na rua; dentro de salas de aula; e até mesmo nas casas isso, não fazia com os estudantes africanos desunissem pois, sempre houve união entre eles.

Por isso, a nossa inquietação com a lei 1.0639/3, implementada a mais de uma década no Brasil, mas que até hoje ainda existe um total desconhecimento sobre o continente africano por parte de muitos brasileiros de diferentes Estados do país nisso, sem querendo dar o juízo de valor pretendemos compreender os seguintes: Porquê é que os brasileiros continuam a desconhecer da África? Já que existe uma lei que obriga os ensinamentos da cultura africana em todas as escolas públicas brasileiras. Será que é por falta de materiais didáticos, livros ou documentos que falam sobre a África? Ou é a falta de interesse dos estudantes brasileiros em conhecer a África através da sua história? Por último será que podemos dizer que é algo associado ao preconceito racial e discriminação contra os africanos aqui no Brasil?

5 PROCESSO DA INTEGRAÇÃO NA UNILAB

A Unilab é uma das poucas Universidades existente no Brasil, com as políticas viradas para a integração internacional com os países dos PALOP's dando assim, a oportunidades para os estudantes jovens africanos, mas também para os jovens negros brasileiros e adultos principalmente das zonas do interior que ao longo da história do Brasil os povos negros e indígenas não tiveram oportunidades de ingressar nas Universidades privada do país, como está acontecendo em menos de uma décadas da existência da Unilab.

Essas oportunidades de ingressar na Unilab ajuda para desenvolver a integração posta pela Universidade. Porque a integração é ação de incorporar e unir diversos elementos num só grupo ou seja, ação de juntar ou incorporar diversas nacionalidades criando uma única sociedade harmônica e sendo assim, a Unilab através de acordos de cooperação entre o (MEC) e os países africanos, de acordo com a sua [Lei de Criação](#), a Unilab tem como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional²⁸.

Durante a nossa pesquisa, podemos constatar as diferentes falas dos estudantes africanos e brasileiros da Unilab, assim como dos professores da mesma Universidade, onde cada um tenta explicar a forma como entende o processo da integração internacional uns apontam alguns aspetos que condicionam uma boa integração propriamente dita, de olhar o seu companheiro como se fosse você mesmo. Uma boa integração não importa de que nacionalidade a pessoa é, a raça, a cor da pele, a orientação sexual, a etnia, a religião, etc.

No entanto, para muitos estudantes da Unilab, com a exceção dos guineenses consideram que como sendo o crioulo “kriol²⁹” da Guiné-Bissau é a segunda língua mais falada em São Francisco do Conde e dentro do recinto da Universidade, muitas das vezes condicionam uma boa integração porque os guineenses entre si falam a língua crioula. E mesmo estando com as outras nacionalidades, porém, dada a essa circunstância se vê um certo

²⁸ Disponível: < <http://www.unilab.edu.br/nosso-diferencial-de-integracao-internacional/>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

²⁹ Kriol é uma das línguas falada na Guiné-Bissau sendo que, existe mais de 32 línguas dos grupos étnicos que compõem a sociedade guineense e o kriol vem sendo como elo de ligação que facilita na comunicação destes povo de diferentes regiões do país a fim de se entenderem uns aos outros também, é a língua mais falada no capital guineense e nas regiões mais desenvolvida. Por outro lado, o kriol também se fala em Cabo-Verde com sotaques diferentes da Guiné-Bissau.

distanciamento dos demais nacionalidade que compõem a Unilab, para com os guineenses. Mas para o estudante cabo-verdiano de 28 anos de idade que tivemos fala mostrou que a sua integração sempre foi bom com todas as nacionalidades apesar de ter um pouco de distanciamento com os brasileiros isso não impedia um bom relacionamento entre eles.

O processo da integração começou logo no aeroporto, cheguei no dia 24 de Abril com um grupo de cinco pessoas de Cabo-Verde, uma de Angola e outra de São-Tomé e Príncipe, e aí a gente começou aquele processo já de integração começou assim, no aeroporto já, a Margarida chegou com uma mala e aí ajudando a Margarida, a gente começou a conversar, a dialogar assim, que fizemos restringindo já começando a fazer um relacionamento e aí, Sara mesma coisa, aí chegamos ficamos durante uma semana só os sete a gente andava os sete juntos conversava tudo mundo preocupava com todo mundo aí começamos a construir o laço de amizade, depois dos setes chegou mas um grupo acho de sete guineenses também ou dez não me lembro bem. Quando chegaram começamos ah! Começamos a dialogar nê, saber a experiência de cada um o que é que um país tem o que é que outro não tem, o que é que gosta o que é que outro não gosta a gente começou a construir as nossas relações, objetivo de cada um, foco e tal. Passando essa semana foi que chegou um grupo maior dos meninos da guiné e também veio a chega o Chitungane que foi os últimos grupos que chegaram no início de Maio, 10 de Maio por aí. (Numa entrevista com estudante cabo-verdiano do curso das relações internacionais, 14/01/2019).

Ainda para este mesmo estudante de nacionalidade cabo-verdiano considera que a melhor integração para ele na Universidade aconteceu logo no seu primeiro semestre de Bacharelado em Humanidades (BHU), na medida em que todo o mundo se aproximava de uns aos outros, mesmo sendo ele o único cabo-verdiano na sala de aula não se sentia sozinho. Também a sua integração é mais com os africanos das outras nacionalidades do que os primeiros cabo-verdianos que chegaram na cidade e quanto aos brasileiros considera que são a mesma coisa, porém, na medida em que os estudantes se formam cada um escolhe o seu curso aí acontece separação que acaba distanciando muitas relações. Afinal o que é uma integração? Será que, existe diferença entre a integração internacional e uma simples integração?

Na nossa tentativa de responder estas questões acima mencionada percebemos que, a integração não é algo que depende de uma só pessoa em qualquer que seja sociedade, mas sim é um ato de considerar, de aceitar, de encerrar, de entender o “outro” como a sua própria pessoa. Pois, ela não é algo aleatória, mas é algo em constante construção. Por outro lado, podemos perceber que a integração é uma forma de adaptar a uma nova realidade e para que o processo da integração seja feito da melhor forma, são criadas algumas atividades: esporte, festas, intercâmbios acadêmicos, conferências, palestras, debates, etc. São essas atividades entre outras que junta todas as pessoas para que elas se insiram no meio da integração de forma positiva com o corpo e alma.

Da mesma forma que o professor Paulo Speller, ex-reitor pro tempore da Unilab explica num livro da Unilab “caminhos e desafios acadêmicas da cooperação Sul-Sul”, (2013) que: “A vivência na universidade entre os funcionários, estudantes e professores fortalece o objetivo da integração, proporcionando um enriquecimento cultural que é parte da formação dos estudantes”.

A política da Unilab, passa exatamente em aceitar essas diversas relação quer no âmbito sociocultural e educacional que o Brasil tem com a África, no entanto, para Paulo Speller (2013) ainda considera que as políticas da Unilab, vai além das quatro paredes isso porque, para ele [...] “a convivência no restaurante universitário, na biblioteca, na residência estudantil, palestras e seminários extracurriculares que integram as diferentes culturas” [...] ajuda para uma boa integração.

Por tanto, quanto à integração internacional podemos trazer o exemplo da Unilab num dos seus principais objetivos virada para a integração internacional entre o Brasil com a Comunidade dos Países da Língua Oficial Portuguesa (CPLP), em especial com os países africanos da língua oficial portuguesa e com a integração do país asiático Timor-Leste. Além do isso, o projeto da integração da Unilab visa promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. Podemos assim considerar as propostas da Unilab como um campo de manobra que permite desenvolver todas as diversidades socioculturais dos países membros integrantes da Unilab que aceita a cultura do “outro” sendo assim para a professora Nilma Lino Gomes explica que:

Quando penso essa diversidade – que é étnica, racial e cultural – estar presente na Unilab me encanta, me desafia. Aqui, temos possibilidades de construir relações que podem ser profícuas entre os diferentes e as diferenças. E, ao mesmo tempo, com pontos muito comuns. Estamos desafiados a compreender a complexidade do que significa a língua de expressão portuguesa, que está localizada historicamente em contextos muito diferentes. Temos algo que nos aproxima, mas ao mesmo tempo temos particularidades muito intensas (GOMES, 2013, p. 9).

Para a estudante brasileira de 37 anos de idade, que cursa pedagogia explica que a questão da integração para ela de não existente, pois, a Unilab não criou um conceito específico explicando do que era a integração, mas sim no ponto de vista desta estudante a Unilab pensou mais na cooperação entre o Brasil e outros países principalmente os países africanos por isso, muitos dos estudantes da Unilab desconhecem da verdadeira integração.

Quando a gente pensa em integrar, a gente pensa em colocar uma coisa dentro da outra né! Tipo fazer parte dele integrando, não sei, mas se eu for pensar, na minha relação com os amigos e com as minhas amigas e usar isso como integração que

como a gente sempre falou ah! A integração ela acontece só fora da sala de aula. A nossa integração ela acontece mais fora da universidade, nesse sentido, eu também concordo, e como sempre concordei porque, naquele momento que éramos duas turmas, nós estudantes éramos de alguma forma muito unidos, mas aí eu não falo estudantes brasileiros e estudantes africanos, porque quando cheguei existe uma separação muito claro e era uma só turma, entre brasileiros e africanos era sim, muito separado. (Entrevista feito no dia 23/01/2019 com uma estudante brasileira de 37 anos de idade do quarto semestre do curso da pedagogia pela Unilab).

O que podemos perceber durante a nossa pesquisa e nas falas dos estudantes africanos assim como dos brasileiros é claro que apesar de existir uma boa integração no início da Unilab, mas em alguns momentos houve um certo distanciamento entre os estudantes dentro da sala de aula principalmente entre os estudantes brasileiros e africanos. Tais distanciamento se dá devido à falta de conhecer o “outro”, porém nesse caso é raro o distanciamento entre os estudantes africanos, mas se verifica mais entre os africanos e os brasileiros, também podemos trazer a questão cultural que dificultava uma boa integração na Universidade nessa época onde cada um tentava preservar a sua cultura.

Mas por outro lado, não podemos descartar a questão do preconceito e do racismo que os estudantes brasileiros tinham na altura contra os estudantes africanos ou também conforme explica o estudante moçambicano que uma coisa que lhe chamou atenção no seu primeiro dia de aula na sala 1, é a forma como os estudantes sentavam na sala de aula, os africanos no lado esquerdo atrás de uns aos outros e os brasileiros sentava no lado direito.

De salientar que essas formas como os estudantes africanos sentam na sala de aula um atrás do outro, são os costumes adquirido nos seus países de origem ou seja, é um formato de hierarquia posta nas algumas escolas dos PALOP's, e em quanto que os brasileiros sentavam em círculo, porém, esse formato permitia a melhor visibilidade e contanto do (a) professor (a) com os estudantes.

Para a estudante de nacionalidade angolana de 27 anos, que já vivenciou um pouco da experiência nos dois campus da Unilab: nomeadamente no Estado da Bahia e do Ceará. Constatou que existe muita diferença quanto à integração dos países que compõem a Unilab isto porque, na Unilab do Ceará existe enorme distanciamento entre as nacionalidades nas atividades extra universitário, ou seja, um grande individualismo entre ambas as partes desse modo, na visão desta estudante não existe uma integração verdadeiramente dita porque, as associações que são criadas na Unilab do Ceará é meramente criada na base do nacionalismo isto é cada nacionalidade cria a sua associação e faz a sua festa. Porém no entender desta estudante angolana a integração dos países integrantes da Unilab Campus dos Malês na Bahia nomeadamente: Angola, Brasil, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São-Tomé e

Príncipe todos estes países fazem as suas festas coletivamente pois, existe uma única associação (ASEA), que facilita na organização de diversos eventos com a exceção das festas das independências dos mesmos países. Tal associação até então consegue unir todos os países a cima mencionados por isso é entendido que não existe o individualismo entre as nacionalidades na Bahia Campus dos Malês.

Tabela 2 - Número de Estudantes entrevistados por nacionalidade, idade, ingresso, curso e sexo

País	Idade	Sexo	Ingresso	Curso	Terminalidade	Total
Angola	27	Feminino	2014.1	BHU	CISO	1
Angola	29	Masculino	2015.3	Letras	Licenciatura	1
Brasil	37	Feminino	2041.3	BHU	Pedagogia	1
Cabo-Verde	28	Masculino	2014.1	BHU	R.I.	1
Guiné- Bissau	29	Masculino	2014.1	BHU	SISO	1
Guiné- Bissau	23	Feminino	2014.1	BHU	SISO	1
Moçambique	24	Masculino	2014.1	BHU	R.I.	1
São-Tome e príncipe	23	Feminino	2014.1	BHU	R.I.	1
Total						8

Fonte: Tabela feita pelo autor baseando nos números dos estudantes entrevistados por nacionalidade.

A nossa tabela em cima não consta os números de estudantes que tivemos conversas nos corredores da Universidade assim como dos professores do Campus dos Malês e moradores da cidade em causa, mas consideramos de importante as falas dessas pessoas que contribuíram muito para o enriquecimento do trabalho. No entanto o nosso foco fica mais alguns estudantes e principalmente para os africanos de diferentes países da África que vivenciaram outras experiências fora do continente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes africanos dos países de PALOP's tiveram enormes dificuldades para a sua inserção na Unilab e na cidade São Francisco do Conde devido vários acontecimentos que fizeram o dia-a-dia dos mesmos. O presente trabalho tem como foco buscar compreender a forma na qual como foi o processo de inserção e de adaptação dos estudantes africanos na cidade São Francisco do Conde, e um dos aspectos abordados ao longo de todo o trabalho é a questão do racismo, preconceito e o bullying sofrido por alunos estrangeiros vindos da África.

Além desses sofrimentos psicológicos na altura, também depararam com desafios climático pois, onde se fazia sentir mais sol em São Francisco do Conde do que nos seus países de origem, por outro lado, mesmo quando é no momento de verão chovia e isto ficava confusa para alguns de entender a época da chuva e verão. O fuso horário também dificultava de que maneira o processo de adaptação, como pude notar na fala dos alunos entrevistados principalmente os da Guiné-Bissau, tendo em conta a diferença de três horas entre a Guiné-Bissau e o Estado da Bahia.

Tais diferenças horarias por exemplo, para os estudantes guineenses em particular quando é 19 horas na Bahia, é 22 horas na Guiné essa hora já estão com sono e querendo ir dormir. Mas torna complicado para que estuda de noite, não tem como ir dormir em casa, por isso, alguns levaram mais de três meses para se familiarizar com o clima ou seja, o fuso horário do município.

Constatamos que apesar de os primeiros estudantes africanos que moravam na pausada como era de costume, ficavam na pausada durante três meses. No entanto, no período da noite sempre faltava comida para os alunos comerem na pausada quando saírem das aulas. Por isso, alguns saíam antes do horário de saída das aulas para poderem garantir a comida. Pois quem não chegasse a tempo não achará a comida para comer, significa que a pessoa tem que dormir com fome e só vai poder comer na manhã seguinte. Tais habito de chegar primeiro passe a ser como uma competição entre os alunos africanos. Porém os primeiros grupos que chegar na pausada levava a comida toda e não sobram nada para os seus companheiros. É algo constante até nos dias em que saíram da pausada e foram morar nas suas casas.

Pretendemos com esse trabalho não para dar o juízo de valor aos moradores da cidade no que tange ao comportamento de forma preconceituosas e racistas contra os africanos e nem tampouco dos estudantes africanos para com as pessoas da LGBT, mas sim o nosso foco é de entender como ocorreu todo esse processo ao longo dos anos da presença africana no município São Francisco do Conde.

Este trabalho também, ressalta a questão de como é interpretado o comportamento dos homens africanos presentes aqui na cidade com os olhares de fora da África. Do modo geral não é somente a sociedade africana sofreu com o impacto negativo da cultura europeia, quase toda a parte do planeta terra sofreu com o sistema patriarcado deixado pelos colonialistas europeus nas suas antigas colônias de forma direta ou indiretamente, e que hoje em dia merecem debates no âmbito internacional para tentar inverter este cenário que coloca sempre as mulheres de baixo dos homens. Para tal os homens africanos são considerados de machistas, no entanto, estas visões vistas no presente pelas atuais gerações trás profundas reflexões para a nossa sociedade africana. Nestas reflexões e análises que fizemos podemos perceber que além da influência europeia neste processo, também a sociedade africana são educados em maioria dos casos para serem assim, ou seja, desde a infância a criança nasce se for mulher ela é ensinada trabalhos domésticos e é muito raro encontra os homens a serem ensinados trabalhos domésticos, portanto, para algumas sociedades africanas principalmente nos interiores são vistos como normal as pessoas crescem adquirindo o mesmo ensinamento conseqüentemente vai transmiti-lo aos seus filhos.

Uma experiência bem vivida na minha infância quando eu era criança, a minha mãe sempre me obrigava a preparar o café da manhã, para ser sincero eu não ficava satisfeito com a minha mãe. De mesmo modo que o meu pai não concordava com a minha mãe alegando que a cozinha não é para os homens. Mas a minha mãe sempre dizia ao meu pai, um menino tem que aprender cozinhar pois, não sabe amanhã onde o destino pode o leva e quem vai cozinhar para ele. Na altura eu não percebia isso compactuava mais com a ideia do meu pais, mas hoje pude reconhecer o quão importante o ensinamento e conselhos da minha mãe que era ontem chato, agora entendo que ela fazia aquilo para o meu bem, aprender trabalhos domesticas não é somente para as meninas, porque hoje vi o resultado de aprender a cozinhar pois, estou fora do meu país eu mesmo quem prepara a comida.

A culpa não é do meu e nem tão pouco dos seus país, e nem considero eles de machista, mas sim é a influência da sociedade onde eles nasceram. Este tipo de prática é visto como normal e não como praticas machista, mas nos outros contextos é visto ao contrário. Admito que atual geração que já adquiriram conhecimentos sobre o mesmo assunto vão educar os seus filhos de forma diferente. Na minha concepção levando em conta a questão educacional dos homens africanos não considero os africanos de machistas como são vistos aqui no Brasil, embora é algo entendido pela sociedade brasileira como tal. Ao meu ver é um processo de desconstrução e construção de novas ideologias que vai permitir as mulheres de estar na mesmo pé de igualdade social.

Por tanto, são estas entre outros aspetos já abordados em cima que mereceram a inquietação do nosso trabalho, ou seja, é algo muito novo e estranho para os estudantes africanos que pela primeira vez são confrontados e chamados de machista. Por outro, durante a nossa pesquisa percebemos o impacto negativo nos momentos da inserção dos estudantes africanos e de forma dolorosa que sofreram o preconceito, bullying e o racismo camuflado dos moradores da cidade de São Francisco do Conde.

Apesar de existir escassez de materiais escritos que aborda assunto de estudantes africanos no Brasil, esta pesquisa nos permitiu a ampliar conhecimentos no que tange a experiências dos estudantes africanos fora do continente africano. E os resultados obtidos devem-se a estratégia usado para recolha de dados isso, passa pelas entrevistas feitas com os estudantes africanos que ingressaram nos primeiros momentos de funcionamento da Unilab Campus dos Malês, principalmente dos anos 2014. Esperamos com este resultado que sirva como uma das contribuições para academia a par das outras obras já escritas.

Por fim, vale a pena enfatizar que graças a cooperação da política externa brasileira na área de educação entre o Brasil e a África fez deste trabalho uma reflexão profunda sobre as políticas da Unilab que visa seus planos em fortalecer laços de irmandade de povos afro-brasileiros e indígenas com os outros povos do atlântico negros sendo assim, permite as trocas de conhecimentos e atividades socioculturais de um do outro. Por isso, que a nossa inquietação vai além da implementação da lei 10.639/03 para tentar entender o porquê de não conhecer a história do continente africano por parte dos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO CARLOS. **São Francisco do Conde, história, contos e fatos**. 2012. Disponível: <http://peroladoreconcavo.blogspot.com.br/2012/06/nossa-historia-comeca-com-invasao-do.html>. Acesso em: 9 de maio 2018.
- BARBOZA, Mario Gibson. (1992) apud LEITE, Fernando Sousa. **O Brasil Olha para a África: Lusotropicalismo na Abertura da Política Externa Brasileira para o Continente Africano**. 2018. 33-47 páginas. Revista Brasileira de Estudos Africanos – Porto Alegre. V.3, n. 5, jan/jun. 2018.
- BATHILLON, Aldine Valente. **Estudantes guineenses: Da educação secundária na Guiné-Bissau à educação superior na UNILAB, Brasil**. 2016. 106 páginas. (Trabalho de Conclusão do curso) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde, 2016.
- BENTO, Margarida Duete Lourenço. **Estranhamento e convivência dos estudantes africanos em São Francisco do Conde**. 2016. 59 páginas. (Trabalho de Conclusão do curso) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde, 2016.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **África e Brasil no mundo acadêmico: Diálogos cruzados**. 2008. 12 páginas. Colóquio saber e poder focus, Unicamp, 2008.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **África, Portugal e Brasil: um novo triângulo das bermudas?** 2012. 51-62 páginas. Cadernos CERU – Universidade Estadual de Campinas.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Diáspora Africana: A Vida de imigrantes e estudantes em Portugal e no Brasil**. 2008. 17 páginas. (Trabalho apresentado na 26ª reunião brasileira de antropologia) – UNICAMP - Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Trajeto Identitários e Negritude: jovens africanos no Brasil e em Portugal**. Revista Impulso, Piracicaba, 17(43): 45-57, 2006.
- GUSMÃO, Neusa. **Os Filhos de África em Portugal: antropologia, multiculturalidade e educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **São Francisco do Conde-BA (Brasil)**. Disponível <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/panorama>>. Acesso em: 13 dez. 2018.
- LAKATOS, Eva Maria; MARKONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas S.A. 2003.
- LANGA, Ercílio Neves Brandão. **Diáspora africana no Ceará no século XXI: Ressignificações identitárias de estudantes imigrantes**. 2016. 563 páginas. Tese (Doutorado em sociologia) – Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza/CE, 2016.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. **Diáspora Africana no Ceará:** Representações sobre as festas e as interações afetivo-sexuais de estudantes africano (a)s em Fortaleza. In: Revista Lusófona de estudos culturais/Lusophone Journal of Cultural Studies. Vol. 2, n. 1, 102-122 páginas, 2014.

MACAMO, Elísio. **Respostas sem perguntas, ou: porque África não é um problema por resolver.** In Progress 2º Seminário Internacional sobre Ciências Sociais e Desenvolvimento em África - PAINEL V: PROMOÇÃO DA CIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO. Lisboa. 2013, (pp. 262).

MOURÃO, Daniele Ellery. **Cabo Verde, Guiné-Bissau, Brasil:** Saudade e festa como reconstrução e afirmação de elos afetivos. 2011. 256-274 Páginas – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção (RBSE). 2011.

MOURÃO, Daniele Ellery. **Entre Palmares e Liberdade:** Reconfigurações Identitárias de Estudantes Africanos na Unilab. 2016. 19 páginas. (Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) Ceará, 2016.

MOURÃO, Daniele Ellery. **Estudantes cabo-verdianos no Brasil:** tensões raciais e “reafricanização”. O PÚBLICO E O PRIVADO, V.23. 73-90, 2014.

MOURÃO, Daniele Ellery. **Guiné-Bissau e Cabo Verde:** Identidades e nacionalidades em construção. Departamento de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil 2008. Pro-Posições, Campinas. 2009. 83-101 páginas.

Polícia Federal Bahia, **Serviço de Imigração.** Disponível: <<http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/cedula-de-identidade-de-estrangeiro>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

SIA, Isna Gabrie. **Danças do Povo Brasa (Balanta) da Guiné-Bissau na Contemporaneidade:** Kussunde, Kanta Po e Broska. 2017. 85 páginas. (Trabalho de conclusão do curso de bacharelado em humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Ed. Novas Edições Acadêmicas. 2017.

TCHAM, Ismael. **A África fora de casa:** Sociedade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil. Recife, 2012. 99 páginas. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). 2012.

TCHAM, Ismael. **Estar, ficar e retornar:** Estudantes africanos no Brasil e os dilemas da migração. 2016. 326 páginas. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2016.

UNILAB, Ceará. **Caminhos e Desafios Acadêmicas da Cooperação Sul-Sul.** 2013. 124 páginas. Disponível: <<http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/07/LIVRO-UNILAB-5-ANOS-2.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9199.htm. Acesso em: 17 jan. 2019.

<http://www.saofranciscoconde.ba.io.org.br/dadosMunicipais>. Acesso em: 13 dez. 2018.

<http://www.unilab.edu.br/noticias/2015/11/05/nova-diretora-do-campus-dos-males-e-empossada-durante-cerimonia/>. Acesso em: 11 jan. 2019.

<http://www.unilab.edu.br/noticias/2018/09/27/novo-edital-normatiza-os-processos-de-solicitacao-de-auxilios-do-programa-de-assistencia-ao-estudante-paes/>. Acesso em: 17 dez. 2018.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/historico>. Acesso em: 15 maio 2018.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/panorama>. Acesso em: 11 fev. 2019.

<https://spartacus.gayguide.travel/blog/spartacus-gay-travel-index-2018>. Acesso em: 08 jan. 2019.

<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sao-francisco-do-conde.html>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<https://www.google.com.br/search?ei=en8fXNO8DseewgTepKqDw&q=google+maps+de+São+Francisco+do+Conde&oq>. Acesso em: 27 dez. 2018.

<https://www.todamateria.com.br/aspectos-gerais-da-africa/>. Acesso em: 05 jan. 2019.

<https://top10mais.org/top-10-paises-com-maior-populacao-gay-do-mundo>. Acesso em: 08 jan. 2019.